

GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA
Jaques Wagner
SECRETÁRIO DE CULTURA DA BAHIA
Antônio Albino Canelas Rubim
DIRETOR DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL
DA BAHIA – IPAC
Frederico A. R. C. Mendonça

ASSESSORIA TÉCNICA – ASTEC
Margarete Abud
ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO - ASCOM
Geraldo Moniz
DIRETORIA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO
CULTURAL - DIPAT
Elisabete Gândara

COORDENAÇÃO OPERACIONAL – ASTEC
Igor Alexandre Souza
TRANSCRIÇÃO DE GRAVAÇÃO EM AUDIOVISUAL
Urano Andrade
PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Zeo Antonelli e Beto Cerqueira (2Designers Ltda.)
REVISÃO E NORMATIZAÇÃO
Aparecida Nóbrega

Assessoria Técnica
Tel.: (71) 3117-6464 / 3117-6492
E-mail: astec.ipac@ipac.ba.gov.br
Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural
Tel.: (71) 3117-7496 / 3117-7498
E-mail: dipat.ipac@ipac.ba.gov.br
Coordenação de Articulação e Difusão
Tel.: (71) 3117-6945
E-mail: coad.ipac@ipac.ba.gov.br
Ouvidoria
Tel.: (71) 3117-6461
E-mail: ouvidoria.ipac@ipac.ba.gov.br
Assessoria de Comunicação
Tel.: (71) 3117-6490 / 3117-6673
E-mail: ascom.ipac@ipac.ba.gov.br

www.ipac.ba.gov.br
Rua 28 de Setembro, nº15
CEP: 40.020-246
Centro Histórico de Salvador - BA
Tel.: (71) 3117-6480



APRESENTAÇÃO

Durante o ano de 2011, o IPAC promoveu algumas “Conversas sobre Patrimônio”, no Auditório do Conselho Estadual de Cultura, visando colher elementos para balizar suas ações voltadas para a preservação do patrimônio cultural na Bahia, em áreas que ampliam a atuação histórica da autarquia estadual. Cinco dessas conversas foram destacadas para iniciar esta nova série de publicações do IPAC.

No mês de maio, as conversas foram voltadas para a salvaguarda do patrimônio afro-brasileiro, com destaque para os terreiros de candomblé, a partir das contribuições dos professores Fábio Velame e Márcia Sant’Anna / UFBA, com a moderação de Frederico Mendonça / IPAC.

Junho foi dedicado à troca de ideias em torno das relações entre patrimônio e festas populares, com a participação dos professores Jânio Castro / UNEB e Paulo Miguez / UFBA e do produtor cultural e presidente da Fundação Cultural do Santo Antonio Além do Carmo, Dimitri Ganzelevitch, contando com a arquiteta Carmita Baltar / IPHAN como moderadora.

Em Julho, as conversas giraram em torno do Patrimônio Material e Imaterial do Cortejo do Dois de Julho, envolvendo a Soledade e a Lapinha, locais fortemente relacionados com as lutas pela Independência na Bahia, contando com os professores Lula Cardoso, Mariely Santana e Ordep Serra / UFBA e a moderação da arquiteta Elisabete Gândara / IPAC.

A construção de um Sistema Estadual de Patrimônio, tomando como base a experiência do ICMS Cultural de Minas Gerais, foi o tema abordado em setembro, com as participações de Marília Palhares / IEPHA, Milena Andreola / PERMEAR-MG, Tatiana Scalco / SEPLAN e Licia Cardoso / IPAC como moderadora.

Outubro teve como tema os Circuitos Arqueológicos da Chapada Diamantina, reunindo os depoimentos do professor Carlos Etchevarne / UFBA, Idenor Borges/ Serra das Paridas e Ednalva Queiroz / IPAC, com a moderação de Carolina Passos / IPAC.

Com esta série, objetiva-se contribuir para o conhecimento e a discussão dos diversos aspectos do patrimônio cultural baiano e, assim, aprimorar sua salvaguarda. Conversas que podem ser lidas como apostilas, “nota breve que se acrescenta geralmente à margem de uma obra, para esclarecê-la ou complementá-la”, uma “coletânea de aulas ou preleções, para distribuição, em cópias, entre os alunos” (HOUAISS), aspecto reforçado pelo Dicionário AULETE: “Conjunto impresso de aulas, capítulos ou temas para uso de alunos”.





Pintura rupestre de Iraquara, traços simples e pequenos, acompanhando a estratigrafia da parede rochosa.

CIRCUITOS ARQUEOLÓGICOS DA CHAPADA DIAMANTINA



Carolina Passos - Coordenadora de Articulação e Difusão do IPAC;
Professor Carlos Etchevarne - Arqueólogo, Professor do Departamento de Antropologia da UFBA e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco;
Professora Ednalva Queiroz - Coordenadora de Educação Patrimonial do IPAC;
Idenor Borges - proprietário do Complexo Arqueológico Serra das Paridas, Município de Lençóis.

“Circuitos Arqueológicos da Chapada Diamantina” é resultado da ação do IPAC e da UFBA na busca pela valorização dos sítios de arte rupestres como monumentos históricos e culturais referentes às populações pré-coloniais. O patrimônio arqueológico agregado ao patrimônio edificado e natural compõem itinerários de visitação gerando a dinamização da economia local.

A META DESTA
PROJETO ERA
DESENVOLVER
ECONÔMICA E
SUSTENTAVELMENTE
ESSES MUNICÍPIOS,
E, PARA QUE ESSE
RESULTADO FOSSE
ATINGIDO, NÓS
CONTAMOS COM A
MOBILIZAÇÃO NÃO
SÓ DE AGENTES
PÚBLICOS,
PORQUE HOUVE
O ENVOLVIMENTO
DAS PREFEITURAS
E DOS DIRIGENTES
MUNICIPAIS DE
CULTURA, COMO
TAMBÉM DA
COMUNIDADE LOCAL.

4

CIRCUITOS
ARQUEOLÓGICOS
DA CHAPADA
DIAMANTINA

Igor Souza: Sejam bem vindos a mais um “Conversando sobre Patrimônio”. Hoje trataremos do projeto Circuitos Arqueológicos da Chapada Diamantina, que está sendo desenvolvido nesse território. Ele é fruto de um convênio do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia com a Universidade Federal da Bahia. Este projeto “Conversando sobre Patrimônio”, no qual os “Circuitos Arqueológicos” estão integrados, tem, hoje, como objetivo um procedimento de auscultação de técnicos, especialistas e interessados, para que nós possamos, com o material registrado, subsidiar políticas públicas para área. Então, eu gostaria de chamar primeiramente o Professor Pasqualino Magnavita, como Presidente Interino do Conselho Estadual de Cultura, para dar as boas vindas.



Pasqualino Magnavita: Vou pleitear a Frederico, do IPAC, dar as boas vindas a todos, porque a promoção é realmente do IPAC; nós do Conselho estamos apenas participando, interessados e cedendo o espaço que é do Conselho. Mas eu gostaria que o Frederico abrisse, porque é o promotor do evento, mas eu, em nome do Conselho, sinto muita satisfação em receber aqui o Professor Etchevarne e dizer que é um tema que nos interessa muito; é um tema que não é ainda muito conhecido de nós. Sabemos que há uma ligação muito grande de recursos humanos, de pensamento, na recuperação desse patrimônio, que é, talvez, uma das coisas mais significativas no Brasil. Então, nós, o Conselho, nos sentimos muito orgulhosos, nos sentimos muito honrados de recebê-lo e ouvirmos suas palavras. Acho que será para nós, não só uma oportunidade de aprofundar o conhecimento, mas será também novidade para muitos. Então, muito obrigado pela sua participação e ao Frederico por ter promovido, como diretor do IPAC, esse evento e essas conversações que estão ocorrendo de tempo em tempo.



Igor Souza: Bem, vou, então, chamar para compor a mesa: Carolina Passos, Coordenadora de Articulação e Difusão do IPAC, que será a nossa moderadora; Professor Carlos Etchevarne, arqueólogo, Doutor em Pré-História pelo Museu Nacional de História Natural de Paris e Pós-Doutor em Arqueologia pela Universidade de Coimbra, atualmente Professor do Departamento de Antropologia da UFBA, investigador-colaborador do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e do Porto e Professor do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco; o senhor Idenor Borges, proprietário da localidade Serra das Paridas, município de Lençóis, onde estão localizados os sítios com pinturas rupestres; e a Professora Ednalva Queiróz, que é Coordenadora de Educação Patrimonial do IPAC.



Carolina Passos: Boa tarde a todos os presentes, à mesa. Hoje, este “Conversando” vai tratar do Programa de Pesquisa e Manejo de Sítios de Arte Rupestre da Chapada Diamantina. Este programa, como foi dito por Igor, é uma parceria do Governo do Estado da Bahia, através do IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural – e da UFBA, e teve o apoio de prefeituras envolvidas nos Circuitos Arqueológicos, que são as prefeituras de Morro do Chapéu, Iraquara, Lençóis, Palmeiras, Wagner e Seabra. A meta deste projeto era desenvolver econômica e sustentavelmente esses municípios, e, para que esse resultado fosse atingido, nós contamos com a mobilização não só de agentes públicos, porque houve o envolvimento das prefeituras e dos dirigentes municipais de Cultura, como também da comunidade local. Vocês vão ver as etapas, mais fortemente com os Professores Etchevarne e Ednalva, que foram desenvolvidas. Mas, basicamente, nós contamos com a identificação e mapeamento destes sítios rupestres, atividades de educação patrimonial e elaboração dos Circuitos Arqueológicos, que são roteiros de visita pensados para esses municípios. Passo a palavra para o Professor Carlos Etchevarne dar início.



Carlos Etchevarne: Eu queria agradecer ao Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia pelo convite, agradecer a presença de todos vocês, a presença do diretor do IPAC, do Professor Pasqua-

lino, do Conselho de Cultura do Estado, e de outros representantes institucionais, como o arqueólogo Alexandre Colpas, da Superintendência do IPHAN de Salvador.

Queria falar especificamente sobre a criação dos circuitos de visitação de sítios arqueológicos, que leva em consideração um tipo específico de vestígios, que são as pinturas e gravuras rupestres. Mas, antes, queria fazer algumas considerações, breves, sobre algumas questões relativas ao que se considera “patrimônio”, já que é justamente o tema deste ciclo de conversas. Evidentemente que os conceitos de patrimônio, derivados das percepções sobre o que é patrimônio, são muito variados, a depender dos grupos ou dos organismos que os definem. Se é uma instituição pública, uma entidade religiosa ou um grupo de reivindicação política, cada um deles pode chegar a ter uma percepção especial daquilo que é patrimônio. Em princípio, o patrimônio arqueológico é considerado juridicamente, tanto no Brasil como em muitos outros países, como propriedade pública, ou seja, constitui um bem coletivo, sobre o qual zela o organismo máximo que é o Estado Federal.

Patrimônio arqueológico, por legislação, são os vestígios (objetos e espaços físicos) tombados automaticamente quando são reconhecidos por especialistas e inventariados em um cadastro nacional que depende do IPHAN central, em Brasília. Em alguns casos, ocupam-se também dele outros órgãos estaduais e municipais, com a mesma intenção de proteção, de preservação e de boa gestão.

Mas o que me interessa mostrar aqui, especificamente, é o que me levou a produzir um programa de longa duração, chamado “Programa de pesquisa, identificação e gestão do Patrimônio Arqueológico da Chapada Diamantina”, do qual o “Projeto Circuitos Arqueológicos de Visitação” forma parte. A ideia central é que patrimônio não é apenas uma noção oficial, legislada e, portanto, com figura jurídica. Patrimônio tem também uma acepção não oficial e que tem a ver com a percepção que a sociedade de não especialistas tem acerca de determinada expressão cultural à qual se sente fortemente vinculada, seja histórica, religiosa, étnica ou de alguma outra forma. O reconhecimento dessa maneira de conceber o patrimônio é extremamente importante, quando observamos, hoje, emergir movimentos em prol da patrimonialização – que é o reconhecimento oficial, com tombamento – de um determinado elemento considerado por um grupo como essencialmente significativo, seja um edifício, seja uma paisagem natural, seja um objeto.

É um processo que, na verdade, vai no sentido contrário daquele que normalmente é estabelecido, ou seja, é o Estado e seus agentes especialistas que determinam aquilo que deve ser patrimonializado. Porém, observa-se um movimento no sentido contrário, em que as comunidades, ou algum grupo particular da sociedade, estão exigindo dos órgãos competentes que patrimonializem, que declarem esses bens patrimônio, ou seja que recebam o reconhecimento oficial do Estado. Isto se deve ao fato de que foi percebido que esse gesto de patrimonialização implica necessariamente uma valorização e um estatuto oficial que poderá servir a fins muito particulares, sobretudo reivindicatórios, de determinado grupo.

Assim, organizamos esse programa levando em consideração o significado de patrimônio vinculado aos grupos sociais e não às instituições que normalmente são consideradas gestoras de determinado patrimônio oficial. Portanto, o patrimônio tem a ver com um significado outorgado pela sociedade, porque contém memórias sociais, memórias coletivas, memórias históricas. Mas quando falamos de patrimônio arqueológico nem sempre existe um vínculo direto entre o material arqueológico e os grupos sociais contemporâneos. Então, como fazer para que esse material arqueológico, referente a populações de caçadores/coletores que habitaram aqui no território da Bahia, se torne patrimônio para uma população contemporânea? No nosso caso, qual é a memória que existe hoje nos grupos contemporâneos das pinturas rupestres, encontradas em grutas e paredes?

Fica evidente que não há uma ligação biológica entre a sociedade contemporânea e os grupos produtores dessas pinturas, extintos no mínimo há centenas de anos atrás. Então, parece-nos que é necessário apontar que a memória social, como também a memória individual, é construída. Na verdade, deve ser destacado que a memória não nasce de forma espontânea e sem razão. Nasce a partir de experiências e de reflexões. Essas experiências podem ser cognitivas, de caráter sensitivo ou ainda de cunho emotivo. De qualquer forma, essas memórias se constroem, se alimentam e se reatualizam. Quando isso não acontece, elas correm o risco de morrer.

Portanto, quando a gente construiu o programa de identificação, preservação e gestão desse patrimônio, levamos em consideração isto: a sociedade nas quais esses sítios estão inseridos e a produção de uma situação mnemônica, digamos, nova, que, necessariamente, a comunidade deve passar a adquirir. Com isto quero dizer que o material arqueológico, seja ele um espaço físico ou o sítio arqueológico, seja ele um objeto ou peça arqueológica, não é automaticamente patrimônio em termos de comu-

PATRIMÔNIO TEM
TAMBÉM UMA
ACEPÇÃO NÃO OFICIAL
E QUE TEM A VER
COM A PERCEPÇÃO
QUE A SOCIEDADE DE
NÃO ESPECIALISTAS
TEM ACERCA DE
DETERMINADA
EXPRESSÃO
CULTURAL...

NORMALMENTE AS COMUNIDADES SÃO RURAIS, COM POUCOS RECURSOS, COM ESCASSAS POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO DA PRECARIIDADE EM QUE VIVEM, MAS TÊM À DISPOSIÇÃO, MUITO PRÓXIMO, SÍTIOS DE PINTURAS E GRAVURAS QUE, BEM APROVEITADOS, PODEM CRIAR SITUAÇÕES DE SUSTENTABILIDADE.

nidades. Ele o é automaticamente para os órgãos de proteção e preservação quando são cadastrados, mas não é necessariamente patrimônio para a população contemporânea. Esta deverá construir uma memória afetiva, deverá sensibilizar-se, deverá refletir sobre esses materiais para introduzi-los nas suas referências existenciais contemporâneas, senão, nunca será patrimônio para uma comunidade. Esta é minha opinião, naturalmente.

Mas, de qualquer forma, foi com essa premissa que nós construímos o programa de uma maneira determinada. Constatou-se de três grandes momentos: o primeiro deles, obviamente, correspondeu ao de identificação do patrimônio. Precisávamos saber o que nós tínhamos como patrimônio de pintura rupestre. Então, o primeiro passo foi a elaboração de um plano de mapeamento de locais com pinturas rupestres e gravuras rupestres, que são duas manifestações tecnológicas gráficas que existem aqui na Bahia. Nesse mapeamento inicial não somente localizamos os sítios mas, também, os caracterizamos e identificamos os estilos ou sistemas gráficos existentes, verificamos o grau de preservação e a possibilidade de inseri-las dentro de roteiros de visitação, porque nem todos os sítios de pintura, por exemplo, são facilmente acessíveis a qualquer visitante.

O segundo momento foi o de identificar as lideranças, grupos que pudessem se juntar a nós e construir um programa conjunto, em que as pessoas pudessem começar a sentir de forma diferente aqueles cenários, que talvez tenham passado despercebidos ou tenham sido percebidos com certa indiferença na vida cotidiana. Ou seja, começamos a chamar a atenção sobre esses locais com pinturas e gravuras, iniciando o processo do que poderíamos chamar de educação ou, em outras palavras, de transformação – talvez seja o termo mais correto. Começamos a trabalhar o olhar, a percepção das pessoas com relação a esses locais com gravuras e pinturas. Foi um momento extremamente importante, talvez o mais importante de todos.

O terceiro momento – e aproveito para dizer que parte dele está aqui presente e que eu sou o coordenador de um grupo que é muito atuante; é fundamental dizer isso, porque eu não faço as coisas sozinho; tem pessoas-chaves que ajudam na dinâmica desses programas, assim como imagino acontece na equipe do IPAC, que também se entrosou nesse processo. Mas, eu dizia, o terceiro momento foi aquele em que realmente construímos os itinerários de visitação, com a ideia de aproveitamento desses sítios e de injetar uma certa energia na economia local. O interesse foi esse, porque existe uma razão fundamental: normalmente as comunidades são rurais, com poucos recursos, com escassas possibilidades de superação da precariedade em que vivem, mas têm à disposição, muito próximo, sítios de pinturas e gravuras que, bem aproveitados, podem criar situações de sustentabilidade; não estou dizendo uma transformação extraordinária, mas de uma movimentação interessante para que os membros dessas comunidades consigam uma situação de bem-estar básico. Então, esse terceiro passo foi realizado durante o ano passado e os primeiros meses desse ano também; construímos um itinerário, e nesses itinerários não foram envolvidos apenas aspectos arqueológicos, foram envolvidos também localidades com atrativos de caráter natural: um riacho, um bosque, alguma mata especial, um elemento cultural que poderia ser chamado patrimônio construído, como uma igreja, uma casa de engenho.

Pensamos sempre na possibilidade de alternar a questão de patrimônio arqueológico com outro tipo de patrimônio. Por que pensamos isso? Porque atualmente existe toda uma linha de turismo, que prefiro chamar de “visitação”, que está voltada para roteiros que não são mais aqueles roteiros de turismo massivo, mas muito mais selecionado. No nosso caso se busca um visitante interessado em aspectos culturais e naturais, ou seja, uma visitação respeitosa, que aqui poderíamos denominar de “contemplativa” para opor a “invasiva”, se vocês quiserem, e que, evidentemente, é feita por pessoas de certos recursos e, ao mesmo tempo, com mais exigências.

Com esta visão, apontamos para esse tipo de visitação, para esse tipo de público, por assim dizer, e, afinal, conseguimos trabalhar em seis municípios: Iraquara, Morro do Chapéu, Palmeiras, Seabra, Wagner e Lençóis. A ideia principal, então, era fazer justamente a identificação de locais com atrativos para visitar, de acessibilidade fácil e que pudessem envolver grupos rurais ou de poucos recursos. Para isso eles participaram de todas as etapas de elaboração dos circuitos.

Deve ser ressaltado que encontramos duas circunstâncias particulares não previstas na preparação dos roteiros. A primeira delas foi em Wagner, onde não encontramos pinturas rupestres. O município não oferece afloramentos rochosos apropriados para plasmar as pinturas, mas encontramos uma saída: usar o complexo arqueológico Serra das Paridas, que se encontra no limite entre Lençóis e Wagner. Por outro lado, existe um patrimônio arquitetônico interessantíssimo derivado de uma história igualmente interessante. Do ponto de vista da evolução urbanística, Wagner tem dois núcleos. Um é da segunda metade do

século XIX e ainda conserva parte das edificações desse período, apesar de algumas delas estarem em franca deterioração; o outro é do início do século XX, constituído pelas construções da Missão Presbiteriana, que foi o primeiro caso de núcleo urbano surgido na Bahia, a partir de uma missão não católica.

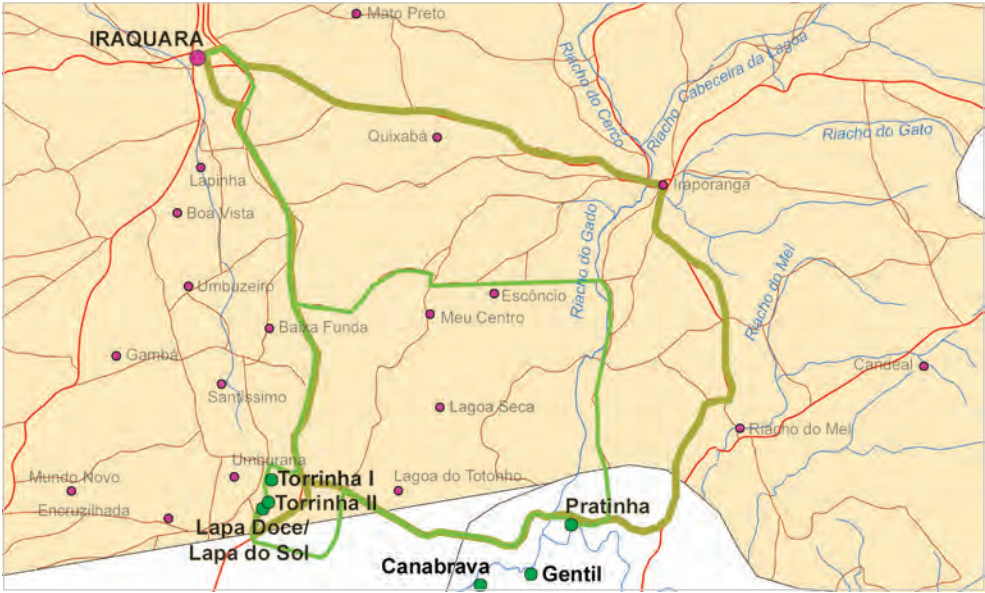
O segundo imprevisto encontramos em Seabra. De fato, os sítios de pinturas que encontramos neste município estavam extremamente deteriorados e não podiam ser incluídos em locais de visita por uma razão óbvia: não eram mais atraídas. Levar um visitante para ver painéis de pinturas destruídos, o programa de circuitos não se sustentaria. Por isso, em Seabra, assim como em Wagner, houve de se pensar em locais com um conjunto de edifícios interessantes do ponto de vista histórico, como o gracioso núcleo de Campestre. Nos outros municípios foi possível construir os circuitos de visita facilmente, vinculando diferentes pontos atrativos do ponto de vista natural e cultural com os sítios de pinturas e gravuras.

Vou passar imagens com os exemplos de circuitos preparados pela equipe e pelas comunidades envolvidas.



Município de Iraquara, Chapada Diamantina.

Iraquara, praticamente no centro da Chapada Diamantina, muito próxima de Lençóis, é uma área, todo mundo sabe, de calcários, com grandes grutas, lapas imensas e outros relevos cársticos. O motivo principal da visita hoje em dia são justamente as grutas com os espeleotemas, alguns deles incluídos nos circuitos que construímos.



Destacado em verde, Circuito Arqueológico do Município de Iraquara.

Iraporanga é uma pequena localidade, antiga sede do município, com um núcleo de edificações ainda bastante conservadas, que está no roteiro de visitação de locais de pinturas e gravuras em áreas de grutas de calcário. O que estou mostrando aqui é a entrada da Lapa do Sol.

Entrada da Lapa do Sol, município de Iraquara.



A Lapa do Sol é um abrigo. Na verdade se trata de uma dolina, ou seja, uma formação geológica muito particular, na base da qual há um abrigo com belas pinturas. Por esses motivos que estão pintados no teto, ela é denominada Lapa do Sol. Estes são motivos geométricos, com alguns círculos concêntricos; elementos em branco e preto, mas, também, em preto, branco e vermelho. Há uma vista geral sobre esse sítio e dá para ver as manchas que vêm do teto na parte externa, que aparecem no ângulo superior esquerdo. Continuamos na Lapa do Sol, com pinturas de motivos essencialmente geométricos e policrômicos que são vinculados a um sistema gráfico que na Arqueologia nós denominamos tradição pictórica. Tradição é o termo usado para apontar a permanência, por um tempo longo, de traços particulares nos sistemas gráficos, distribuídos no âmbito de um território.

Pintura rupestre da Lapa do Sol, motivo geométrico em preto, branco e vermelho.



Na mesma gruta nós temos esse tipo de motivos – que são mãos, muitas mãos de figuras zoomórficas, algumas antropomórficas também –, mas que estão vinculadas a outro sistema gráfico. Portanto, no mesmo abrigo, temos momentos pictóricos diferenciados, uns mais recentes, outros um pouco mais antigos. A fotografia foi tomada de um dos lados do poço profundo, porque na verdade a dolina não é mais do que uma queda do teto de um duto subterrâneo onde passavam cursos de água. O resultado é essa depressão cilindrada que, com o tempo, vai sendo coberta de vegetação e fica desta forma. Aqui dentro estariam as entradas das grutas e abrigos.

Aqui, nesta imagem, aponto esses traços verticais, simples e pequenos, que formam uma fileira, acompanhando a estratigrafia da parede rochosa, composta de dois elementos diferentes, argilitos e calcários. Os processos erosivos diferenciados desses dois elementos geológicos demarcam linhas à maneira de pautas de cadernos, que guiam os alinhamentos de traços horizontalmente.



Visão geral do sítio de pinturas rupestres Lapa do Sol.



Visão da dolina Lapa do Sol, coberta de vegetação.



Pinturas rupestres da Lapa do Sol - Torrinha, traços verticais em fileira acompanhando a parede rochosa.

O município de Lençóis todo mundo deve conhecer bastante bem. Esta é a praça principal; aqui nós temos o mercado velho e o rio que passa pelo meio da cidade. Do ponto de vista arquitetônico patrimonial, Lençóis é uma cidade tombada pelo IPHAN e com bom grau de preservação e de bom uso pela população contemporânea. Sobre o itinerário empreendido em Lençóis, não vou me deter muito porque justamente o senhor Idenor Borges, aqui na mesa, vai falar especificamente sobre isso. Mas, partindo de Lençóis, o roteiro conduz até a Serra das Paridas. Paridas é um complexo arqueológico com muitos locais de abrigos e paredões com pinturas. Como já foi dito, Paridas fica muito mais próximo de Wagner, ou seja, Wagner também vai ter uma possibilidade de vinculação com o itinerário de visitação da Serra das Paridas, que se encontra no município de Lençóis. Portanto, Paridas terá duas possibilidades de visitação: por Wagner ou pela própria cidade de Lençóis.

Praça principal da cidade de Lençóis, conjunto arquitetônico e paisagístico tombado pelo IPHAN.



Mercado velho e Rio Lençóis, Lençóis.



A Serra das Paridas é um conjunto de afloramentos rochosos de arenitos silicificados. Este é o cartaz da entrada da Serra das Paridas I, um grande bloco rochoso, com paredão no alto. As partes avermelhadas não são manchas; parecem, mas, na verdade, são pinturas e são vistas de aproximadamente um quilometro. Estes são alguns painéis com pinturas. Estes são pintados de amarelo. Este outro tem possibilidade de leitura cronológica, posto que se superpõem diferentes momentos de pintura. Há pelo menos quatro momentos de pintura, ou seja, uma área de ocupação de grupos pintores com diferentes sistemas gráficos: um com elementos geométricos, outros com elementos naturalísticos antropomorfos e zoomorfos. Mais distante, na Serra das Paridas IV, tem também painéis que precisariam ser especialmente pesquisados.



Destacado em roxo, Circuito Arqueológico do município de Lençóis.



Serra das Paridas, visão do paredão com pinturas rupestres.



Painéis com pinturas rupestres, Serra das Paridas I.

A intenção nossa é iniciar um projeto de escavação porque é fundamental não somente do ponto de vista do conhecimento arqueológico, senão também para levantar informações para apresentar nos circuitos de visitação. As boas informações acerca dos grupos pintores são fundamentais para satisfazer as perguntas dos visitantes. Uma das primeiras coisas que um visitante vai perguntar, por exemplo, é "quantos anos tem isso?". Nós temos um inconveniente com relação às pinturas, porque os pigmentos minerais não são datáveis. Pelo menos por enquanto, não se encontrou um método para datação do mineral de ferro ou de outros minerais com que estão feitas as pinturas, portanto,

temos que ter outros recursos para dar uma idade a essas pinturas. Uma das possibilidades é fazer escavações. Nessas escavações podem-se encontrar materiais que apontem para a vinculação de uma fogueira com um pouquinho de pigmento que se encontre junto. Ou seja, por associação podemos datar a pintura com a fogueira. Como temos vários momentos de pinturas, temos que analisar o tipo de pigmento com o tipo de pintura que está presente na parede. Esse segundo momento está sendo conseguindo para um sítio de Morro do Chapéu, trazendo uma professora do Piauí para que, através de aparelhos especiais, possa determinar a composição mineralógica dos pigmentos que encontramos na fogueira. É um trabalho minucioso, mas fundamental para proporcionar informações, se quisermos que a visita seja realmente um sucesso.

Sítios rupestres. Esses também correspondem à Serra das Paridas. Talvez essas três figurinhas que se vêm aí sejam, aparentemente três mulheres em posição de parto; já temos outros exemplos na Chapada Diamantina em que aparece uma pequena figura em baixo, como se fosse de fato o nascimento de uma criança; essas figuras é que deram o nome popular de Serra das Paridas.

Painéis com pinturas rupestres, Serra das Paridas I. Destaque para figuras de, aparentemente, três mulheres em posição de parto que deram nome da Serra das Paridas.



Passamos ao município de Morro do Chapéu; a igreja principal e parte dos quarteirões antigos de final do século XIX início do XX. Neste município construímos dois itinerários: um que parte de Morro do Chapéu e chega até a Vila do Ventura. Este é um antigo núcleo de mineração abandonado, em que só ficaram pouquíssimas casas em pé; apenas duas ou três são habitadas permanentemente. O itinerário continua até uma cachoeira sobre o Rio do Ventura. Mas, antes de passar pela cachoeira, passa-se pelo sítio Toca da Figura, com belíssimos painéis; depois de atravessar o rio pela parte da cachoeira, retorna-se à Vila do Ventura, passando pela Toca do Pepino. São dois locais com pinturas muito ricos em expressões gráficas.

Destacados em rosa e em verde, Circuitos Arqueológicos do Município de Morro de Chapéu.



A Vila do Ventura, tem poucas casas e a igreja foi reconstruída recentemente. Possui afloramentos areníticos com abrigos e pinturas. Um dia, por acaso, estávamos descansando em um intervalo da escavação, quando um dos jovens moradores da Vila do Ventura nos chamou para subir na parte superior do abrigo de onde se tinha uma vista panorâmica. Mas, o que surpreendeu é que todo esse solo de rocha exposta à intempérie era um campo de orquídeas em floração. Um espetáculo singular que deve ser considerado como elemento de contemplação dos visitantes.



Igreja Matriz de Nossa Senhora das Graças e Vila do Ventura, município de Morro do Chapéu.

Estes são dois painéis de pinturas com grafismos atribuídos a sistema gráfico que denominamos Tradição Nordeste, caracterizado pelas figuras de animais e de humanos com traços nítidos e bem definidos, ainda que sejam pequenas. Para vocês terem uma ideia, essa figura aqui tem um centímetro. No geral são pequenas e muito delicadas. Estas especificamente foram pintadas de forma a não serem fáceis de encontrar. Para observá-las e fotografá-las tem-se, necessariamente, que se deitar.



Sistema gráfico denominado Tradição Nordeste, sítio arqueológico Toca da Figura no município de Morro do Chapéu – à esquerda. Pintura com motivos narrativos, à direita.

Aqui, neste conjunto, há duas palmeiras com frutos, uma vara por onde desce um homem carregando um cacho de cocos. Este é um dos motivos extremamente narrativos. Neste outro exemplo tem um conjunto de pessoas com armas, provavelmente se digladiando, lutando em rituais de guerra ou brigando em lutas verdadeiras. Nesta imagem há animais e cercas, o que chama muito a atenção. As figuras compostas por cercas com animais, que parecem ser veado e emas, são frequentes. Nelas não há instrumentos para matar a caça, mas de captura de animais, sugerindo a preservação do animal vivo, para terem à disposição em momentos de necessidade, o que constitui um embrionário processo de domesticação de animais. Também em Ventura há um local chamado Igrejinha, em razão do conjunto desses afloramentos rochosos (também de arenito silicificado) terem características de torres de sinos. Neles há também motivos gráficos antropomorfos e zoomorfos pequenos.

Noutra imagem vemos uma série de figuras humanas pequenas fazendo uso de lanças, flechas, propulsores, ou seja, uma série de elementos que poderíamos caracterizar como instrumentos de guerra. Em outro exemplo observa-se a captura de animais, e outro tipo de elementos antropomórficos, com uma estrutura gráfica um pouco mais sintetizada. Aqui vocês vêem novamente as figuras humanas em círculo, e a cerca em cujo interior há dois animais, um veado com um filhote. A mesma situação nesta imagem, ou seja, a cerca com figuras humanas em torno dos animais. Há outras com situações em que a cerca é quadrangular.

Figuras humanas fazendo uso de instrumentos de guerra, à esquerda. Captura de animais, à direita.



O segundo itinerário também parte da sede de Morro do Chapéu e vai até Lagoa da Velha, a uns 20 km a Oeste. Este sítio está muito próximo da BA-052, e por isto é uma área de fácil visitação. Na Lagoa da Velha também temos afloramentos com pinturas, formando um cordão de locais abrigados muito belos, onde estão as pinturas compondo cenas com animais e humanos.

Destacado em verde, o segundo itinerário, Circuitos Arqueológicos do município de Morro de Chapéu.



Aqui tem uma sucessão de emas belíssimas, todas da mesma tonalidade, havendo superposição de figuras antropomórficas e zoomórficas. Aqui, só para mostrar o detalhe do aproveitamento do bloco rochoso, ocupado na sua totalidade pela figura de um lagarto, e neste outro exemplo, observa-se a preparação da base rochosa diferente, com outras tonalidades, para sobressair os elementos antropomórficos.

Sucessão de emas na mesma tonalidade, lagarto ocupando todo bloco rochoso e base rochosa com diferentes tonalidades para destacar elementos antropomórficos.



Esta é Palmeiras, uma belíssima cidade, pequena, mas muito graciosa e exemplar em termos de preservação de edificações dos séculos XIX e XX. O itinerário de visita se inicia logicamente a partir da sede de Palmeiras. O itinerário compreende Matão de Cima, uma área muito verde com muitas palmeiras e riachos. O tipo de representações diferencia-se dos mostrados antes, posto que as figuras grandes, com elementos naturalísticos e antropomórficos, são realizadas com uma particularidade de formas pouco detalhadas e com pouco movimento.



Exemplares de edificações dos séculos XIX e XX.



Destacado em vermelho, Circuito Arqueológico do Município de Palmeiras.



Pinturas rupestres com elementos naturalísticos e antropomórficos.

Seabra. Esta imagem mostra a parte do centro de Seabra, com a igreja de Bom Jesus. Em termos de sítios rupestres, existem vários locais com pinturas. Mas o que nós encontramos é pouco preservado, dois ou três painéis apenas, com alguns animais como tamanduás. Como foi dito, não foram incluídos nos circuitos arqueológicos pelo grau de degradação em que se encontram, porém serão considerados os conjuntos de Campestre e Cochó do Malheiro.

Sede do município de Seabra e Igreja de Bom Jesus.

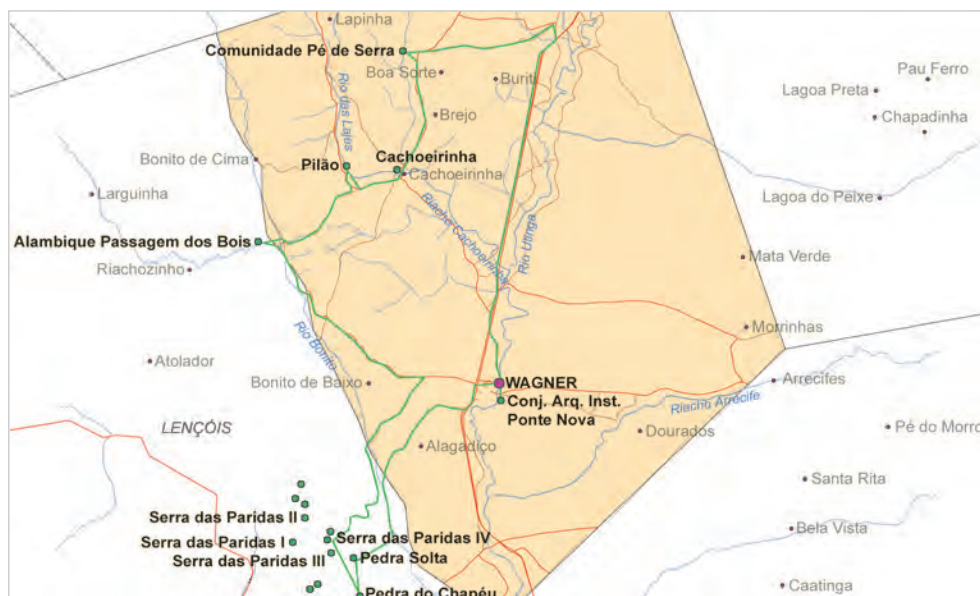


Painéis com animais.



Wagner também é uma cidade relativamente nova. Os itinerários de Wagner foram feitos a partir da cidade onde estão as construções da missão americana presbiteriana, que incluem o famoso hospital, que outrora atendia a todo o centro da Chapada, um local de referência até as décadas de quarenta e cinquenta, aproximadamente. Compreende também a Escola de Enfermagem, a primeira da Bahia, e o Instituto Ponte Nova, de educação primária e secundária. Essas eram instituições extremamente importantes, porque ali se tratava a saúde e a educação da população da Chapada Diamantina. Incorporamos ao itinerário um alambique com uma roda d'água, um salto d'água de um riacho também, próximo a ela.

Destacado em verde, Circuito Arqueológico de Wagner.



O povoado de Cachoeirinha é pequeno e simples, muito simpático, gracioso, com algumas construções do final do século XIX que se mantêm, ainda que precariamente.



Instituto Ponte Nova à esquerda e Grace Memorial Hospital à direita. Logo abaixo, Roda d'água de Passagem dos Bois à esquerda e Povoado de Cachoeirinha, à direita.

Abaixo queremos mostrar parte de nosso trabalho de educação ou de sensibilização com a população próxima dos sítios. São seminários, cursos, palestras, trabalhos de campo, de laboratório, aulas práticas, que realizamos com professores, com guias turísticos, com lideranças religiosas, ambientalistas, sindicalistas etc.

O programa envolve seminários permanentes, contínuos, capacitação para uso de instrumentação, preenchimento de fichas de cadastramento do IPHAN etc. Capacitamos as pessoas para a preservação e boa gestão dos sítios. As imagens mostram os cursos realizados em diferentes municípios, como em escolas de Seabra e Wagner. Bem, em linhas gerais era isto que eu queria lhes apresentar e, agora, fico à disposição para as perguntas que acharem necessárias.



Palestras em Lençóis.

Palestras em Morro do Chapéu.



Palestras em Palmeiras.



Palestras em Seabra.



Palestras em Wagner.



Carol Passos: Após a fala do Professor Etchevarne, nós vamos escutar a Coordenadora de Educação Patrimonial do IPAC, Senhora Ednalva. Gostaria de agradecer a presença do senhor Marcos Vinícius, Prefeito de Palmeiras, um dos municípios que integram os circuitos arqueológicos.



Ednalva Queiroz: Boa tarde, meu nome é Ednalva, costumam me chamar de Dau ou Nalva, como sou conhecida em Palmeiras. Bom, eu sou educadora. Professor costuma falar em pé, me desculpem, então. Eu queria conversar primeiro a respeito do que a gente pensa sobre a ação educativa do IPAC. Primeiro, ação educativa tem que ser um processo, para ser processo tem que ser continuado e sistemático; então, a gente tenta adequar as nossas condições físicas a essa necessidade, e o trabalho que nós fizemos junto com o pessoal da UFBA, na Chapada, levou isso muito em conta. Levamos em conta, também, e foi muito interessante, isso que Etchevarne colocou, porque o pensamento que ele esboçou a respeito de patrimônio e de como trabalhar o patrimônio é exatamente o mesmo que a gente usa; então, nós trabalhamos a parte de educação patrimonial nas comunidades com o foco no patrimônio, no bem. Com essa ação educativa eu elenquei apenas alguns pressupostos.

O primeiro é que todo cidadão tem direito a memória, coletiva e individual; isso é básico e é com o que a gente trabalha. A primeira ação que nós fazemos no município é discutir com a comunidade qual é a sua memória individual. A importância dela pra ele e a importância dessa memória individual dentro do pano de fundo da memória coletiva daquele lugar. Então, todo trabalho que nós fizemos, nós do IPAC – porque o trabalho do pessoal de arqueologia foi com esse foco, mas voltado mais para a parte de arqueologia –, todo nosso trabalho foi pautado nesse sentido, de fazer com que as pessoas se vissem dentro da memória local.

Bem, os bens culturais fundam e reforçam o caráter singular das comunidades, isto é, são eles que dão a identidade do lugar. Isto também é fundamental para o trabalho da gente e quando a pessoa não consegue entender que aquilo que ela conhece como importante pra ela é importante para todos, que aquilo é que dá singularidade ao seu local, a gente não tem muita coisa pra fazer ali; vai ficar tudo com a mesma cara. Então, uma coisa que nós observamos de interessante é que, atualmente, depois que alguns lugares já perderam muito da sua singularidade, as pessoas estão correndo atrás para ainda segurar o que sobrou, isso é extremamente importante e eu acho que, ao longo desses anos, faltou essa visão para todos nós – Estado, Município e Comunidade – percebermos que o que faz com que o lugar seja aprazível de se morar e se visitar é o que é singular nele.

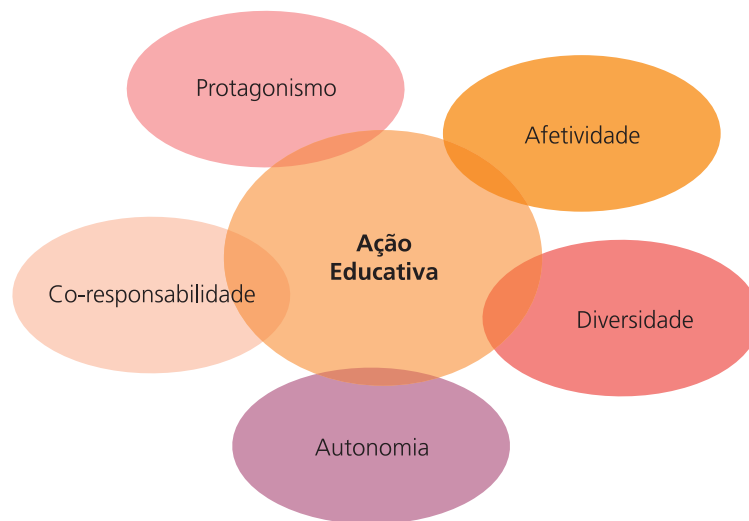
A ação preservadora do Estado deve ter caráter formador. Essa é a primeira coisa que a gente faz: tentar dar uma formação, informação também, formar atitude de preservação. Pra isso, é preciso informar, é básico, deve ter um caráter orientador – dizer como, o que pode ser feito e o que não pode ser feito com o patrimônio – e um caráter regulador. Então, a ação educativa deve ser contínua, permanente e voltada para a comunidade; é isto que a gente tem tentado fazer esse tempo todo e que ficou mais visível no trabalho que foi feito na Chapada Diamantina. Nós trabalhamos com seis municípios e fizemos palestras de manhã, de tarde, de noite, com grupos de jovens, com grupos de idosos, com profissionais, com políticos, com empresários, com professores, com alunos. A preservação do patrimônio cultural é responsabilidade de cada cidadão e não apenas do Estado e consiste na manutenção sistemática, corretivo/preventiva. Eu estou colocando esses pressupostos para vocês entenderem que o tipo de ação que nós fizemos lá foi baseado nessas ideias. Cabe aos órgãos de preservação oportunizar para as comunidades a apropriação do seu patrimônio e a reinserção no processo de desenvolvimento econômico. Estas foram as imagens dos materiais com que nós trabalhamos na Chapada:

Então, em que se baseia a ação educativa que nós desenvolvemos? No protagonismo: o sujeito é que é o sujeito da ação educativa, é ele que se educa, eu não vou educar ninguém, eu vou dar as ferramentas para que ele se eduque, para que ele aprenda a importância do seu patrimônio, do seu bem cultural; se não for um bem cultural reconhecido pelo Estado, pelo Município ou pela União como patrimônio, ele pode ser importante para a comunidade, independente desse reconhecimento. Em Palmeiras tem um grupo de pedras lá no São João e eu acho que o pessoal também não quer que as tire pelas mesmas razões afetivas, e aí a gente passa para o segundo princípio, que é a afetividade.

A primeira coisa que a gente precisa despertar na comunidade é a afetividade por aquele bem que faz com que aquela comunidade seja singular; não é à toa que o pessoal de Wagner é apaixonado pela Missão Presbiteriana, sejam eles presbiterianos, batistas ou católicos, todo mundo reconhece a

A PRESERVAÇÃO
DO PATRIMÔNIO
CULTURAL É
RESPONSABILIDADE
DE CADA CIDADÃO
E NÃO APENAS DO
ESTADO E CONSISTE
NA MANUTENÇÃO
SISTEMÁTICA,
CORRETIVO/
PREVENTIVA.

importância daquilo. Da mesma maneira, o pessoal de Seabra: todo mundo sabe que é importante Campestre e Cochó do Malheiro; e por que é que em Palmeiras todo mundo cultiva e ama o carnaval? São razões afetivas. Bom, você vai dizer que o carnaval de Maragogipe é mais bonito do que o de Palmeiras; para os maragogipanos, para resto do Estado, por estar lá, o carnaval de lá é único. Então, essa afetividade, a gente tem que despertar na comunidade.



Outra coisa é que a gente precisa respeitar a diversidade. Isto é uma coisa que a gente discute e que a gente tem de praticar também! É importante que a comunidade saiba que ela tem autonomia para eleger os seus bens singulares e de identificação; não sou eu que vou dizer, não sou eu que vou chegar lá no município e dizer: não, você deve achar que aquele bem ali é o mais importante pra você, não é isso, pessoal de Wagner?”. A Diretora de Cultura de Wagner está aqui também, e ela sabe que foi um pedido da comunidade, um abaixo-assinado encabeçado pelo Prefeito, que provocou o estudo da Missão Presbiteriana.

Então, é a comunidade que tem que gostar daquele bem, reconhecer a importância dele e ser autônoma o suficiente para dizer: não, eu quero aquele bem, como uma outra me disse que o que era importante ela botou – o busto de Ruy Barbosa estava entre os três primeiros itens elencados no município, como os representativos do município; e ninguém vai dizer que não é. E com responsabilidade, na medida em que você se coloca como sujeito desse processo de identificação e de reconhecimento, no momento em que você se disponibiliza emocionalmente, que você respeita a diversidade, que você garante a autonomia, tem que ter responsabilidade para a manutenção daquilo que você considera importante para o seu lugar.

PROJETO EDUCATIVO:

- **Mobilização e Sensibilização;**
- **Oficinas de Educação Patrimonial, Bens Edificados, Fotografia e Conservação, Arqueologia e Pintura Rupestre;**
- **Exposição Guardados e Achados, memórias do lugar**

Oficina de Conservação de Papéis, no município de Wagner, à esquerda. No meio, Oficina de Fotografia, no município de Lençóis. Exposição “Guardados e Achados, memórias do lugar”, em Morro do Chapéu à direita.



20

**CIRCUITOS
ARQUEOLÓGICOS
DA CHAPADA
DIAMANTINA**

Como é que a gente trabalhou? O projeto educativo envolveu mobilização, sensibilização, oficinas: as oficinas de educação patrimonial, bens edificados, fotografias, conservação, arqueologia e pintura rupestre; aquela parte de arqueologia e pintura, desenvolvida magnificamente pelo pessoal de Alvan-

dyr, até hoje, não Alvandyr? E depois a gente fez uma exposição, que chamamos de "Guardados e Achados de Memórias do Lugar", porque era o resgate das memórias individuais, da memória coletiva.

As outras foram as ações técnicas. Na medida em que a gente trabalhava nos municípios, descobriu a necessidade de se desenvolver estudos técnicos sobre determinados bens e o pessoal técnico foi que começou a fazer isso.

A primeira ação foi de mobilização e sensibilização; a gente precisava. E ainda é necessário para fazer isso, que a gente tenha parceria muito forte com as prefeituras, porque são elas que vão abrir as portas do município para que a gente possa mobilizar e sensibilizar. Nós fizemos isso através de palestras, eu passei uma semana em cada município; Alvandyr passou muito mais tempo que isso, com a equipe dele, para fazer a mobilização e a sensibilização das comunidades; nós fizemos palestras, a gente fez entrevistas em rádio, deu entrevista em jornal e em revista, fez o corpo a corpo e foi uma mobilização a mais abrangente possível. O pessoal de Wagner me colocou para ler para alunos do ensino fundamental, da primeira à quinta série, ou melhor, da primeira à quarta série – agora as coisas mudaram –; falei para o pessoal do ensino médio, falei para o pessoal de nível superior ou para escolas de nível superior, falei com grupos de idosos, grupos de jovens, a gente falou para todo mundo. Então, a mobilização tentou ser a mais abrangente possível e a sensibilização junto com isso.

AÇÕES TÉCNICAS:
• Estudos sobre os Bens Edificados



Imóvel na sede do município de Palmeiras, à esquerda. No centro, Vila de Estiva, município de Lençóis e imóvel da Missão Presbiteriana em Wagner, à direita.



Por que a gente precisava mobilizar o máximo possível? Primeiro, para envolver a população toda e, depois, porque para formar agentes patrimoniais, a gente precisava ter quórum, porque nós mobilizamos muita gente, mas nem todos acabam se tornando agentes patrimoniais; dependendo do perfil que era necessário, esse trabalho de formação de agente patrimonial ficou muito mais vinculado ao trabalho de arqueologia, porque eles tiveram mais tempo e fizeram um trabalho mais corpo a corpo. No nosso caso, do IPAC, nós formamos multiplicadores da ideia de preservação e ficou uma coisa livre, porque essas pessoas não têm vínculo com a gente, não têm uma estrutura; seria necessário, seria muito bom, muito interessante se a gente conseguisse que os municípios tivessem agentes patrimoniais para todo patrimônio, mas até o momento, isso ainda não foi possível.

Jovens participando das oficinas de fotografia e de conservação.



As oficinas de conservação foram feitas nas sedes, e as oficinas de fotografia foram feitas nos povoados, em um povoado de cada município, e se trabalhou basicamente com jovens a partir dos quatorze anos. Uma coisa interessante é que quando a gente voltou para o interior, este ano — as oficinas foram em 2010 —, quando nós voltamos, uma jornalista estava colhendo o depoimento de um dos alunos, ex-aluno das oficinas de fotografia; e o que ela lhe perguntou? O que é que ele achou? Se ele achou interessante, por quê? Ele respondeu que não, porque aí ele estava começando a ver a realidade dele com outros olhos. Foi muito legal, porque eu tinha acabado de escrever no texto da exposição pra Salvador que o que a gente viu lá, internamente, não foi divulgado, e aí ele repete a mesma coisa que a gente escreveu aqui, ele repete lá, com as palavras dele. Então, eu acho que conseguimos passar a mensagem.

As oficinas de arqueologia e pintura rupestre. Isso aí deu a parte informativa. E encerramos com a exposição “Guardados e Achados: Memórias do Lugar”. Essa exposição foi construída com as fotografias dos alunos da oficina; foram fotografias em preto e branco. Eles aprenderam a trabalhar com máquinas analógicas e digitais, aprenderam a fazer prática de laboratório e as fotografias ficaram muito boas, muito artísticas, muito criativas, e ampliamos para fazer a exposição. Usamos também objetos das oficinas de conservação e fizemos um apanhado na cidade de outros objetos que as pessoas gostariam de colocar para exposição; construímos um texto que mostrava como aqueles objetos estavam dentro da história local, para que as pessoas pudessem se reconhecer neles.

ALGUNS DADOS:

Território – Chapada Diamantina

Municípios – Iraquara, Lençóis, Morro do Chapéu, Palmeiras, Seabra, Wagner

Público direto – 2.100

Público indireto – 6.000

Participantes de oficinas – 310

Público na abertura das exposições – 500 (aproximadamente)

Técnicos envolvidos (IPAC) – 05

Então, todo esse trabalho de oficinas e de exposição continua sendo um trabalho de mobilização e sensibilização; foi o máximo que nós conseguimos alcançar, porque é um Estado inteiro, e a equipe não é muito grande. Essas foram às etapas do nosso trabalho.

Esse já é o último slide que traz resumidamente os resultados estimados do trabalho que a gente fez. O público direto registrado ali é o público que constava das listas de assinaturas de palestras; o público indireto foi estimado, porque falamos muito em rádio e eu não tenho a dimensão do alcance, mas acho que, de certa maneira, foi bastante extensa a mobilização que nós conseguimos fazer. Obrigada.

Carol Passos: Bom, nós ouvimos agora a Coordenadora de Educação Patrimonial do IPAC, Dau. Eu queria agradecer aqui a presença da Dirigente de Cultura Municipal de Wagner, Sandy Araújo, que estava num fórum em Ipirá, principalmente pelo esforço de vir participar dessa conversa com a gente. Agora nós vamos ouvir Idenor Borges, proprietário da Serra das Paridas.



Idenor Borges: Estou um pouco nervoso, mas não há razão para isto. Nervoso porque o tema é difícil, na minha visão pragmática, porque a teórica é mais complicada ainda. O tema é: perspectivas privadas, o que quer dizer com isso? Perspectiva, na minha visão, pode ser de realização pessoal e pode ser econômica; é a econômica que é o complicado, e eu vou tentar convencer vocês, a essa plateia seleta, que eu estou mudando até de roteiro para ficar mais calmo, não estou dentro das normas de um seminário ou de um encontro, depois eu vou nominar as pessoas e vou, aos poucos, dando a minha mensagem e tenho certeza que vocês vão entender.

Primeiro, vamos ao caso de onde fica a Serra das Paridas: de Salvador a Lençóis, 420 km; Salvador a Serra das Paridas, 413 km. Isto quer dizer que fica antes de Lençóis, à direita, num povoado chamado Tanquinho, logo depois do povoado, menos de 1.000 metros; a um quilometro à direita tem uma rodovia BA, de cascalho, que vai até Morro do Chapéu, passando por Bonito, e do asfalto até a Serra das Paridas são 14 km; de Lençóis a Serra das Paridas são 36 km, é praticamente quintal de Lençóis, da cidade de Lençóis.



Complexo arqueológico Serra das Paridas, sítio I

Vejam bem, engraçado que eu tenho mais de 25 anos de Universidade Federal e Católica, em grande parte, com cursos fora da Universidade e fora até do país, numa área completamente diferente, porque minha formação é na área de Engenharia, mestrado em Estatística e Matemática. Então, dizem, "esse cara é louco!" Na área de Arqueologia, Paleontologia é porque na minha cabeça a ciência é uma só, de forma acadêmica, para se entender melhor se fatia, mas tudo é uma coisa só, a lógica é a mesma, na hora que essa lógica desarrumar, é uma bomba atômica que nós vamos ter pela frente na face da Terra; então, a lógica é a mesma, eu não posso duvidar.

Agora vem o nosso caso para ver se vocês entendem a questão da Serra das Paridas como iniciativa privada; como é complicado do ponto de vista econômico, porque de realizações pessoais, eu já estou realizado, estou realizado! E tende a me realizar mais ainda; é tanto assim que não é à toa que sempre eu estou chorando nas entrevistas, sempre estou chorando porque é uma coisa que está indo num esforço conjunto, não é só meu, porque uma pessoa só não faz nada, um conhecimento só não desenvolve nada, é preciso que haja integração de outros conhecimentos para que as coisas avancem dentro da ciência ou dentro de qualquer outro trabalho.

Então, vamos começar assim, primeiro falando do Professor Carlos, essa figura! Porque o que existe hoje não seria, não sei o que seria; eu acho que não existiria a Serra das Paridas; talvez só o nome Serra

O SENTIDO É OUTRO,
O SENTIDO É MAIOR
DO QUE ISTO.
AGORA SE AGREGAR
OUTRAS QUESTÕES:
ÁGUA, CACHOEIRAS,
PALEONTOLOGIA,
SOMANDO TUDO
ISSO, AÍ A COISA
FLUI, PORQUE AÍ
VEM O TURISMO
PEDAGÓGICO, VEM
O TURISMO, ALGO
EXTRAORDINÁRIO.

24

CIRCUITOS
ARQUEOLÓGICOS
DA CHAPADA
DIAMANTINA

das Paridas, que é muito antigo, mas lá perdido, o pessoal degradando etc. Então, o Professor Carlos, da UFBA – o nosso encontro foi em 2005, no Museu Afro-Brasileiro, não foi Professor, no Terreiro [de Jesus]? –, e foi daí que eu conheci o Professor, foi nessa época. Tem aqui o grupo de pesquisa – eu vou logo me referir à situação atual, depois volto para o passado –, é o grupo de pesquisa de Arqueologia, que é registrado no CNPQ: o Professor Alvandyr [Bezerra], a grande figura ali, um grande batalhador, desde 2005, por aí, 2006; Fabiana [Comerlato] e Carlos Costa, da Universidade do Recôncavo, duas grandes figuras; arqueólogos, desde aquela época que vêm trabalhando, apesar de ele não estar exatamente quando é chamado; agora mesmo teve um curso de Arqueologia, e ela estava lá! Ela estava lá, Fabiana, mas sempre atendida com essas coisas; vejam como é importante a gente contar com outras energias, mesmo que não estejam próximas da gente. A Márcia, que é administradora; administrar um grupo desse não é brincadeira! Administrar a casa da gente já é complicado, imagine um grupo desses, que tem envolvimento de toda ordem: governo municipal, estadual, federal, é uma confusão! Bom, a Taíse, estagiária, também contribuiu; Graciane, que é antropóloga, olha aí, a multiplicidade da coisa, também envolvida no processo e outros profissionais têm se envolvido para que a coisa cresça; teve Júnior, estagiário que contribuiu muito, a Lise, que hoje está no Observatório Antares, uma pessoa fantástica, uma estagiária fantástica, deu uma contribuição muito grande para o projeto e, hoje, ela é funcionária lá em Feira de Santana.

Bom, quero primeiro agradecer o convite, apesar de ser um convite complicado, mas eu agradeço, sei que não foi maldade, nem do Professor, nem do Frederico, de ninguém; eu vejo como algo extraordinário e vou enfrentar e vou mostrar que é difícil, mas eu vou mostrar também que eu estou certo! E se estiver errado, podem dizer também! Você está errado! Agora eu quero saudar o Frederico, o Professor Carlos de novo, Dona Ednalva Queiroz, do IPAC, Carolina, que também é do IPAC, agradecer o apoio atual à equipe do grupo de pesquisa arqueológica, do Prefeito Marcos, de Lençóis, que está nos ajudando; não é só esse projeto de Serra das Paridas que eu vou falar não, outros projetos ligados, que só vão também pra frente, economicamente, se tiver outras ações, outras questões concretizadas para que a Serra das Paridas seja economicamente viável. Porque não é possível que alguém ache que um sítio arqueológico na Bahia ou no Piauí – olhe que Piauí é referência internacional, Serra da Capivara – vai enriquecer empresário. O sentido é outro, o sentido é maior do que isto. Agora, se agregar outras questões: água, cachoeiras, paleontologia, somando tudo isso, aí a coisa flui, porque aí vem o turismo pedagógico, vem o turismo, algo extraordinário; o campo é fantástico, se não entender, eu tenho certeza que não estou sonhando, apenas estou dizendo de uma realidade concreta no meu sentimento. O Secretário de Turismo e Cultura de Lençóis, Delmar, também é fantástico, apoio total, são as pessoas que a gente jamais pode deixar de falar, agradecer toda a plateia pela presença, que aqui é uma plateia seleta, gente, que tem pessoas de um intelecto fantástico, uma plateia dessa não é todo mundo que tem não! Não é não! Aqui tem um nível fantástico, então, é justamente por isso que eu fico meio nervoso, quem é acostumado a uma plateia de estudante, de Universidade, do curso básico, não é brincadeira não! Aqui é completamente diferente, aqui não, aqui é outra história, gente, outra história! Nem posso comparar isso.

Agradecer ao Prefeito de Nova Redenção, Ivan Soares, “esse cara tá doido?”. Mas sabe por que isso? Porque ele está sendo um dos lutadores pra ser realizado em Redenção, Nova Redenção, um Museu de História Natural, envolvendo paleontologia, arqueologia, biodiversidade, história da Chapada, algo extraordinário que, inclusive, no sábado, tem uns quinze dias, eu encontrei o Governador Jaques Wagner, eu já enviei isso a vários políticos e ele não sabia, aí eu resolvo entregar a ele pessoalmente; eu cheguei lá, em Andaraí, ele desenvolveu uma série de inaugurações, mas de quarenta prefeitos, deputados, senador! Imagine, eu perdido naquela multidão, mas eu disse, eu vou entregar a ele! Fiz o resumo, esperei a oportunidade. Quando ele botou a cabeça na porta, coloquei a preguiça gigante nas mãos dele, ele quase cai de costas quando viu isto; aí pronto, me fez uma série de perguntas, captou imagens, está o resumo aqui que ele disse que ia ler no avião, aí juntou deputado dando força, prefeitos, gente da região e coisa e tal, de repente, eu tive que viajar para Lençóis e no dia seguinte para Salvador, estava lá senador e deputado falando; eu soube que ele estava me procurando na plateia, como se procura uma agulha, “cadê o rapaz que me entregou...” e já comprou a ideia, uma coisa simples, já me mandou carta, me mandou procurar a Secretaria de Cultura e Turismo, que tem interesse no projeto. Isso vai ser o maior acontecimento na história da Chapada da Bahia e do Brasil, vai ser esse Museu, porque eu fui à PUC de Minas Gerais, está lá a preguiça gigante, todo esse material nosso tirado aqui do Poço Azul, de Nova Redenção, quarenta e cinco pré-históricos estão na PUC de Minas Gerais; e a rainha do museu, museu de visibilidade

internacional, peças do mundo inteiro de dinossauro, do que vocês imaginarem, a preguiça é a cara e o caráter, é a peça mais importante do museu! É a preguiça gigante! Por quê? Porque ela sacudiu a Paleontologia, tirou dúvidas de 160 anos, que os paleontólogos tinham, ela tirou definição de espécie, evolução etc. Encontraram-na intacta no fundo do poço, coisa que nunca aconteceu de um animal desse porte, de mais de seis metros de comprimento, todos os ossos, como se alguém tivesse colocado no fundo do poço. Hoje, então, o Poço Azul é de visibilidade internacional. E o Governador deve ter assimilado essa questão. E está mais interessado do que a gente, veja que coisa fantástica, e um museu desse, imaginem vocês quanta coisa vai puxar, é a preguiça que está puxando — engraçado, que contradição, a preguiça puxando um monte de coisa, que a preguiça dá um sinal, não é? Mas aí, por ironia da coisa, tá puxando um museu de grande porte, já tem o projeto no qual o Professor Carlos está envolvido, já tem arquiteta, que está em Barcelona e está mandando informação, já estudou a área, a coisa está andando; alguma coisa de concreto ao Governador juntamente com o Prefeito Ivan, com outros deputados que estão interessados no processo ser concretizado, está aqui Governador, pelo menos o projeto conceitual, que não precisa ser detalhado, conceitual, certo? Depois vai aos Secretários de Turismo e de Educação, para mobilizar, porque é algo extraordinário — veja que eu saí das Paridas, já estou cá, pegando outro gancho. Então, outras ações, um empreendimento altamente cultural como é o da Serra das Paridas, como é o Projeto Sempre Viva, de Mucugê, outro também fantástico.

Bom, agora veja como começou a Serra das Paridas. Em 2004, houve um incêndio que quase acaba com a Chapada Diamantina; saindo de Wagner, atravessou o Rio Bonito, atravessou o rio, parece até que tinha perna, entrou em Lençóis, pegou as duas fazendas que nós tínhamos, que era Alagadiço I e Alagadiço II, onde está exatamente a Serra das Paridas e veio esbagaçando tudo, como diz o outro, chegou até o Parque que é área de preservação. Aí as pedras ficaram desnudas, o que estava escondido apareceu. Lá é uma área de muita mangaba, a única árvore que não morre! Pelo contrário, fica mais viçosa, gosta do fogo — engraçado que a natureza gosta do fogo, quanto mais fogo, mais ela rebrota, é fantástico—, mas é uma área de tanta mangaba que chamam de praga, mas é algo assim extraordinário e um amigo meu, formado no colégio de Wagner — porque eu sou de Wagner — também, que coincidência, acho que não vai dar certo eu e Wagner [o governador] viu, porque eu sou de Wagner e ele se chama Wagner, acho que o Governador tem de abrir aí as portas, eu acho que ele deveria abrir as portas.

Bom, um amigo meu foi prefeito de Wagner duas ou três vezes; chama-se Vanger, Evangivaldo. Ele, a mulher e a empregada catavam mangaba, quando a empregada viu uma coisa distante, coisa de um quilômetro mais ou menos, e a professora chamou a atenção do marido: "Ô Vanger, que negócio estranho..." Ele, curioso, foi lá, e tomou um choque; um cara com curso normal, ele e a mulher, em colégio de americano, imagine? Em colégio de americano, naquela época, o camarada vinha de uma escola de uma formação fantástica, e enlouqueceu. Não pôde comprar a fazenda, há dez anos abandonada — o fogo é que tomava conta e os caçadores, famosos caçadores —, ofereceu a algumas pessoas. Lembrou-se, então, de mim e me telefonou. No dia seguinte eu cheguei lá, quando eu vi, prei! Prei tanto que me perdi, nos perdemos, passaram-se umas cinco horas, não sabíamos onde era o Norte... Estava tudo nublado, nem sol tinha pra gente se orientar, mas chegamos na estrada do café para procurar o proprietário, que era uma viúva. Depois de mais de uns dez anos, a viúva se desgostou e largou tudo lá e foi embora pra Salvador. Lá vamos nós buscar em Salvador, nessa metrópole, uma pessoa, sem quase referência; eu sei que cheguei à viúva e negociamos.

Eu comecei agora a desenvolver um trabalho em cima disso; fundei logo uma agência de viagem só para atender. Eu tenho um sócio que mora lá em Lençóis, Walter. Criei uma agência — Parque Ecoturismo — para atender só isso. Foram três anos só no vermelho; você não pode desenvolver uma atividade privada pensando só num roteiro, é loucura; mas eu teimei assim; depois a gente abriu mais pra outras coisas, resultado, a coisa foi evoluindo, foi evoluindo e aí, quando eu vim cá no Museu conversar com o Professor Carlos, trouxe umas fotos. Aí, conversei com o Professor e o Professor se sensibilizou, foi lá, viu a autenticidade do material, e aí a coisa começou, ele nunca largou de mim e eu nunca larguei dele, e toda a equipe, aí a coisa vai, cidadão, porque se a gente briga, cria animosidade, nada vai pra frente; é na área política, é na área de trabalho, seja o que for.

O Professor pirou também como eu, aí começamos a desenvolver o trabalho ali no nível da Chapada, nem mais ali no nível de Lençóis, e deu essa brilhante obra que vocês devem conhecer, *Escrito na Pedra*, patrocinado pela Odebrecht, tem em qualquer livraria a preço de banana — cento e cinquenta

reais eu acho – um negócio desse é algo, sem incentivo de governo mesmo –, fazer a propaganda aí, não é Professor (risos). São três sítios, os outros não estão abertos.

Aí são as pinturas, o que realmente me impressiona muito, não só na Serra das Paridas como na Chapada como um todo, é o número de figuras geométricas moço, e lá tem umas figuras que nego já pensa que é o ET, já pensa que é uma figura que está ligada com o espaço; olha, é uma confusão, até profissionais na área esotérica têm ido lá, para vocês terem uma ideia, o negócio lá é complicado viu? Olha o peixe, o que significa isso? Que tinha água próximo, para vocês terem uma ideia desse local, que é o Sítio I, até o Rio Bonito (um afluente do Paraguaçu) são 10 km de um acesso horrível; tem três baixadas aí que, no meu entender, eram minações de água, aí com o desgaste do tempo, a intempérie, a areia foi descendo com a gravidade e foi entupindo tudo, hoje não tem nem água para dar a um pinto, para se ter uma ideia; está lá o peixe mostrando que no passado devia ter água ali, que peixe não ia viver sem água; água e vida são coisas tão ligadas que não pode haver vida sem a água.

Pinturas em formato geométrico, à esquerda e acima. À esquerda e abaixo, pintura atribuída a imagem de um E.T. Na direita, pintura de um peixe.



Olha essa figura aí; essa figura o Professor não gosta, eu fico até receoso, viu Professor, mas não sou eu, o pessoal chega lá e diz: “Ah, parece um ET”! Olha lá em cima (risos), olha lá em cima o círculo com oito furos na cabeça dele, porque se não tivesse o círculo – não se diz que o disco é voador? – e ali é redondo, com furo; taí uma figura que uns dizem ser antropomórfica ou zoomórfica, e os esotéricos dizem que não foi feito por pessoas da Terra, é gente do outro planeta – olha, pra aguentar essa confusão precisa ter equilíbrio – então, tudo bem, eu aceito. Engraçado que os esotéricos chegam lá, é argentino, não é só do Brasil não; a pessoa pega o pêndulo e fica lá, sabe? Na frente e fica ali num ritmo que lembra uma sessão espírita (risos)! Vai pra lá, vem pra cá, será que vai cair? (risos), aí demora, demora, e chega pra mim e diz: “olha, é coisa de outro planeta”, o que é que eu vou fazer? Se é de outro planeta, eu poderia até dizer a ela assim, olhe minha senhora, eu li outro dia, numa revista científica, que vem aí uma nave espacial, em 2014, que vai pra Marte, lançada pelos americanos; agora, uma cidade que não tem nada que o homem já fez até hoje e se sair daqui hoje pra ir naquela estrela dessa galáxia, a estrela mais próxima daqui demora 82.000 anos... Então, eu fico na minha, dentro dos princípios lógicos, respeitando a todos e na imaginação, que o que cresce a gente é imaginar e imaginar... Eu não me lembro que tenha visto tanta figura geométrica e figuras, coisa mesmo estranha, muitas antropomórficas, zoomórficas, e lá na Serra da Capivara são normais, lá no Piauí. E tem as aventuras, eu saio divulgando, eu saio por aí, quando mostro, todo mundo quer ver o que é. Tem o Rio Bonito, é talvez o mais importante rio da Chapada Diamantina, ainda não é poluído, ele desemboca no Rio Utinga; o Rio Utinga, no Santo Antonio; o Santo Antonio no Paraguaçu. De um lado é Wagner e no outro é Lençóis; Wagner não tem pinturas rupestres. O pôr do sol; engraçado, você está nas Paridas, neste complexo daquela pedra, que é do Sítio I, sentado e vendo um pôr do sol desse, vendo o Morro do Camelo, na Serra do Sincorá, é a coisa mais linda do mundo, é um pôr do sol fantástico.

Em determinada época, eu construí uma casa de pedra vinda de aterro de pedra. Vocês chegam lá, não sabem se é uma casa ou se é um morro de pedra, exatamente para não criar o choque, e engraçado é que ela foi inspirada numa leitura que eu fiz de um livro famoso, de um autor que já faleceu, não era daqui não — o jardim dele era ao lado da natureza. Nas Paridas você está no sanitário e tem a vista linda da Serra do Sincorá, o Morro do Camelo. Então o turista vai muito lá e quer ver o sanitário, que é a parte mais famosa, vocês imaginem!

Aconteceu o primeiro curso de Arqueologia, veja bem, primeiro curso de Arqueologia por conta própria; o segundo, por conta própria; o terceiro, por conta própria; o quarto, por conta própria; no quinto, entrou o Governo, não é isso Professor? Foi aquele seminário internacional que até Niède Guidon veio de avião do Piauí abrir o seminário — o Professor aí não é fraco não (risos), trouxe Niède Guidon e a equipe dela. Niède é uma figura francesa, já naturalizada brasileira, e que tem quarenta anos trabalhando nesse complexo.

O Professor Etchevarne dando aula como sempre; porque a prática é lá na Serra das Paridas e a teoria em Lençóis. Outra coisa interessante é o corrimão, todo corrimão é de madeira morta, galho de sucupira, que é madeira de lei; é um torto que deu certo, que o IBAMA não implica, ninguém perturba, é material reciclado.



Corrimão Serra das Paridas I, feito de madeira morta.

Olha, são muitas pessoas no curso; o ritmo é seminário e aula prática no Sítio I. Na realidade, gente, isso aí faz parte do roteiro que logo na frente tem a Cachoeira do Mosquito, que é uma das mais bonitas da Chapada; é por isso que tá dando mais ou menos certo, a coisa tá engrenando, do ponto de vista de se manter um pouco o complexo, porque se fosse só o complexo, seria diferente.

Porque você sabe que a questão cultural pouca gente se interessa, vocês sabem disso, pouca gente se interessa pela questão só de pintura rupestre. Mas não, é um roteiro fantástico, talvez um dos melhores que têm cultura e lazer. Tem também o Costa, que hoje está na Universidade do Recôncavo, um grande contribuidor também para esse resultado positivo; Frederico, entusiasmado também, parece que entrou no barco viu, de um ano e meio que eu estou sentindo que ele entrou no barco: Tem que ser a melhor estrutura para botar o pessoal, umas das melhores é o Hotel Portal, foi tudo feito lá, mas aí o Governo já teve interferência, já não desembolsamos tanto, porque isso é que é importante, a iniciativa privada sai na frente; umas das armações é sensibilizar o poder público, se ele comprar a ideia aí ele vai.

Aventura, vai embora! O negócio é tão interessante, que tem lugar que não existe água não, gente, como é que esses tuiuiús apareceram lá? Aí ficam gozando comigo que eu levei os tuiuiús (risos); apareceu lá um grupo de tuiuiús, que é coisa do Pantanal do Mato Grosso, até os tuiuiús estão gostando, porque o caçador foi embora, já está aparecendo onça, a gente não pode mais criar galinha que a onça come, a jiboia come, prefiro perder as coisas, mas quero que os animais voltem e todos estão voltando, é tatu..., estão voltando porque os caçadores não permitiam ninguém interferir nesse procedimento. Eu dei uma de maluco, cheguei logo dizendo que era pistoleiro, que matei

Entrada do Complexo Arqueológico Serra das Paridas, com sinalização e portão de acesso.

PARA UM TURISMO PEDAGÓGICO À ALTURA, TEM DE TER OUTRAS SITUAÇÕES: TEM DE TER LAZER, TEM DE TER CULTURA; O PRÓPRIO MINISTÉRIO DO TURISMO ESTÁ EXIGINDO ISSO, QUE TODO ROTEIRO TENHA LAZER E CULTURA, E TODOS DEVERÃO TER ISSO.

três, aleijei quatro (risos), aí essa notícia ruim foi pra longe e hoje os animais estão todos voltando numa boa; é o ecoturismo.



Aí é a entrada. Existe uma cancela com cadeado, quem quiser visitar tem que passar na cidade, pegar a chave, abrir, visitar e voltar, não é aberto assim não, que aí é complicado; o negócio não pode abrir à toa não, tem que ser um negócio controlado; todos os guias que vão levar turistas têm curso, pelo menos um curso desses que nós já demos. O professor Carlos e equipe estiveram lá em Lençóis, todo mundo tem uma noção básica para saber explicar, para dar a base da coisa para os turistas e, às vezes, chegam uns arqueólogos lá, bem danados, e eles se apertam lá, mas no fim se ajeitam, porque também a base que é dada é base para informação turística, não é para informação científica. Tem os corrimões, todos tortos para visitar o Sítio I, porque para visitar o Sítio I, II e III é preciso de tempo, mais um dia e pouco. Mas o forte mesmo é o turismo que passa lá, o fluxo já passa lá quatro da tarde, pra pegar o pôr do sol e visitar as pinturas; então, não tem muito tempo, uma hora, uma hora e pouco no Sítio I e aí nem dá pra ir ao Sítio II porque já vai escurecer. Então tem que chegar cedo e ter interesse em ver outras coisas.

Então, gente, veja bem, eu estou fazendo um resumo do resumo. É difícil, uma zuada danada lá no festival, sexta-feira, eu escrevi isso e disse; amanhã cedo eu vou entregar ao Governador, que não é possível que a essa altura o Governador não dê notícia desse negócio. Outra coisa, só pra complementar pra vocês, são outras ações que, direta ou indiretamente, para um turismo pedagógico à altura, tem de ter outras situações: tem de ter lazer, tem de ter cultura; o próprio Ministério do Turismo está exigindo isso, que todo roteiro tenha lazer e cultura, e todos deverão ter isso.

Acho que o recado já está ultrapassado, o mastodonte tem lá quarenta e cinco pré-históricos deste poço: tem a preguiça pequena, quatro metros, é pequena viu; tem um tatu do tamanho de um Volks, imagina uma moqueca de um tatu desse, naquela época quantas pessoas comeriam, hem? Então, isso aqui vai fazer parte do Museu, é a nossa pretensão.

Tem outras ações: a Marinha, levei a Marinha pra lá, para qualificar os turistas que andam pelo Marimbus, que é uma área linda, até Marinha a gente tá levando. Tem o projeto, o bloquinho, uma coisa depende da outra, engraçado. Isso aqui é um projeto que já chegou ao conhecimento do Governador, e ele já mandou ambientalista para ir fazer uma vistoria no local; é uma balsa que antigamente chamava jôjo, que havia há cinquenta anos. O que é jôjo? É aquele tabuado, uma canoa de um pau só, que atravessava em curta distância; para você ter uma ideia, de Lençóis pra Andaraí pela jôjo, essa futura balsa, já tá tudo encaminhado pra dar certo, passa pelo Marimbus, são 350 metros, só atravessando de balsa, do outro lado tem montanha, tem lagoa azul, quer dizer, tudo isso pra incrementar o Museu de História Natural e dar mais visibilidade e mais captação, principalmente pedagógica que esse é o grande lance.

Eu estou vendo esses grupos que vêm do Norte, do Nordeste, não vão só tomar banho; e adolescentes de escolas; tem escolas, tem um mercado em Feira de Santana, Salvador e umas dez cidades da Bahia;

um mercado fantástico. Aqui, se o pai disser, o vendedor disser, olha, é um passeio que não é só lazer, é de cultura. Deve ser um trabalho desse nível, tem de desenvolver um trabalho assim pra ser econômico. Encerrando, pra ser econômico, vamos por aí, porque é também da área do turismo, se não pegar essa fatia do pedagógico, que vai render dinheiro e vai melhorar a mentalidade de quem for visitar, não vai ter perspectiva de futuro. E o Governo do Estado e o Governo Federal precisam investir em pesquisa, porque está carente. O Professor tem se esforçado, preparado e encaminhado projetos para instituições. E, às vezes, até se desanima, porque é mesmo desanimador; mas não pode desanimar; com projeto, lutando, mostrando que a coisa é séria, sai recurso pra investigação e pesquisa, é isso que vai credenciar e vai melhorar o fluxo turístico em relação à Serra das Paridas e outros sítios que também serão criados.

Outra coisa, só pra encerrar, uma coisa incrível: quando eu cheguei lá, quando chegamos na Serra das Paridas, estávamos movimentando isso, houve, inclusive, repúdio, fui ameaçado para sair daquela área, gente que eu não posso nem citar e que é meu amigo hoje. A minha salvação, sabe o que foi? Que eu sou de Wagner, tenho muitos amigos em Wagner, e moro em Lençóis, e foi isso que amenizou e fiquei, não mexeram mais comigo, mas se eu fosse de São Paulo, do Rio Grande do Sul ou não sei de onde, não tava lá não; agora veja que ainda existe esse tipo de sentimento; é duro. Mas o resultado é que as coisas estão andando, Professor, e me perdoe, porque eu passei do tempo.

Tenho ainda umas coisinhas: uma autorização do Prefeito de Palmeiras, nosso vizinho; de Ivan Soares, você deve conhecer muito, Prefeito de Nova Redenção; eu pedi e ele me deu uma autorização para eu trazer esse material todo que está na PUC-MG aqui pra Bahia. Eu fui por conta própria, viu Prefeito, pergunte se ele pagou um guaraná? Não pagou e eu não quero guaraná dele. O cientista Cástor – [Cartelle] passei três dias lá (Minas Gerais) – me recebeu maravilhosamente bem, disposto a cooperar. Cheguei lá, dei logo entrada no protocolo; se tiver resistência, Ivan disse que ia prender cientista brasileiro, francês, canadense, mergulhador e umas doze a quinze pessoas, “e faço um escândalo internacional”; espera aí, falei, pelo amor de Deus... Resultado, fui lá, ele abriu as portas, até o roteiro do Museu ele fez; isso aqui é letra do Cartelle que, por incrível que pareça, e é bom lembrar, que existe um CD de trinta e cinco minutos, sobre a retirada desse material do Poço Azul, algo extraordinário, financiado pela Petrobras e tava debaixo do pano e eu resolvi tirar isso, vi que era a Petrobras e todo mundo tinha de ter uma cópia. Você olha, é algo extraordinário, agrada a menino e a adulto, são uns efeitos especiais; são doze a quinze cientistas que passaram quatro meses na porta do Poço Azul; é fantástico. Ô gente, me perdoe, porque tem muita coisa ainda, mas eu vou deixar para a próxima. Obrigado.



Poço Azul, município de Nova Redenção.



Carol Passos: Bom, agora nós vamos dar um intervalo de dez minutos e retornaremos para a conversa em si, onde vocês vão ter a oportunidade de dialogar com essas pessoas que estão compondo a mesa: Professor Etchevarne, que falou de toda a construção do programa; Ednalva, que falou da parte de sensibilização, mobilização e as ações educativas; e Idenor, que conversou agora com a gente, mostrando a perspectiva e as dificuldades desse desenvolvimento econômico. Em dez minutos retornaremos.

A GENTE APOIA, MAS
NÃO ENTENDEMOS,
NÃO ENTRAMOS
MUITO NO MÉRITO
PORQUE NÓS NÃO
ESTUDAMOS PRA
ISSO, MAS VEMOS
A IMPORTÂNCIA.
[...] COM O TEMPO,
A GENTE VAI
COMEÇANDO
REALMENTE
A ADMIRAR E A
PERCEBER ALGUMA
COISA E A NOSSA
OBRIGAÇÃO É
JUSTAMENTE
RECONHECER O
VALOR E INCENTIVAR.

30
CIRCUITOS
ARQUEOLÓGICOS
DA CHAPADA
DIAMANTINA

Igor Souza: Sejam bem vindos de volta. Vamos começar agora as conversas. Eu vou passar a palavra para Frederico Mendonça, nosso Diretor Geral do IPAC, e posteriormente para Washington Queiroz, que solicitou, e que é o nosso Conselheiro.



Frederico Mendonça: Bom tarde. Mais uma vez, grato pela presença. A Professora Lia chegou, Pasqualino saiu. Pasqualino falou que essa é uma ação mais do IPAC do que do Conselho; eu faço um pequeno ajuste: na verdade é um entendimento que o IPAC teve, de que nós precisamos ter as conversas sobre patrimônio com o Conselho Estadual de Cultura; então, na medida em que a gente faz essas conversas junto com os Conselheiros, a gente vai constituindo juntos, porque é muita responsabilidade, é muita diversidade para uma instituição sozinha. Eu peguei o microfone basicamente porque nós temos aqui o Prefeito de Palmeiras, que vai precisar sair e já me disse que ele não é exatamente entendido, é claro, e nós não somos arqueólogos, tipo Etchevarne, não somos pedagogos como Ednalva, mas somos gestores, particularmente ele, que é gestor de um município, que tem uma dinâmica importante, particularmente, a partir do Vale do Capão, que muitos de vocês conhecem e que está inserido nessa. A gente está buscando criar circuitos nisso que o Professor Carlos, Ednalva e Borges falaram, de inserir essas comunidades e, muitas vezes, comunidades rurais, em uma nova dinâmica de desenvolvimento. Ele vai ter uma reunião agora, fora daqui, mas eu pedi para ele dar somente um depoimento como gestor municipal, como ele vê essa coisa.



Marcos Teles: Boa tarde a todos, meu nome é Marcos Teles; lá também tem outro Marcos, Ailton de Lençóis. Eu achei interessante, você falou aí sobre toda essa riqueza e eu não sei se é porque você não está tendo conhecimento de uma preguiça que está sendo coletada lá no Poço dos Impossíveis, em Palmeiras; inclusive, o pessoal do Rio de Janeiro está lá essa semana, e cada vez tem tido mais descobertas, e estamos encantados. Quando eu falei pra Fred que, na verdade, a gente, eu, gestor, apoia, mas não entendemos, não entramos muito no mérito, porque nós não estudamos pra isso, mas a gente vê a importância. Na verdade, a gente acha tudo estranho, a gente olha aquelas figuras e... Mas, com o tempo, a gente vai começando realmente a admirar e a perceber alguma coisa e a nossa obrigação é justamente estar reconhecendo o valor e incentivando.

Então, hoje, nós já temos um grupo jovem que já está, por iniciativa própria e também com o apoio da Prefeitura, se interessando, foram convidados até para ir ao Rio de Janeiro e o pessoal vem se conscientizando. Então, o mais importante, como o Professor, acho que foi o Professor ou foi alguém que estava com a gente, falando da conscientização que o pessoal da Chapada está começando a ter; então eu acho que é importante que a gente, gestores, esteja realmente apoiando. Um dia desses ainda, eu fiz um desabafo, não foi Fred? Porque, principalmente, quando a gente está no segundo mandato, a gente fica um pouco cansado de participar de quase tudo e é só reunião, reunião, reunião (risos), nossa amiga, é reunião, reunião, reunião, e a gente vai até aonde? Aí chega em uma reunião, às vezes, pra marcar outra reunião (risos), e aí, de verdade, eu falei aquilo, mas um sentimento mesmo verdadeiro e pra que as pessoas também e os governantes comecem a despertar e ver que realmente precisa acontecer alguma coisa.

Ver essa questão de meta, que tudo é meta, mas que as coisas têm que acontecer pra que a gente ou todos possam estar participando e se sintam satisfeitos e orgulhosos pelo que se está fazendo. Mas a gente vem tendo o apoio de vocês, a atenção. Em Palmeiras, mesmo, várias vezes, o pessoal do IPAC tem ido e a gente tem se dado por muito satisfeito e, principalmente, por nossa amiga ali (Ednalva Queiroz), que é suspeito falar, porque é de Palmeiras. Mas, como gestor, estou lá de portas abertas, convidando vocês que não conhecem o município de Palmeiras pra visitá-lo; é um município pequeno, como quase todos da Chapada, e estamos prontos, Professor, vocês aí do IPAC, todos para o que couber à Prefeitura, a gente está apoiando. Então, eu vou pedir licença, que me chamaram agora na SUDESB, questão mais de convênios que têm que se renovar e é muita burocracia a toda hora. O Prefeito não pode garantir onde pode estar. Eu falei com você que estaria em Brasília ontem, e estava; cheguei hoje, mas é isso. Então, o importante é que estamos aí com as portas do Município abertas e de braços abertos, também, para receber vocês. Muito obrigado.

Igor Souza: Vou passar a palavra para Washington Queiroz, do Conselho Estadual de Cultura.



Washington Queiroz: Boa tarde! Eu pedi para a nossa Presidente dar a notícia, mas ela disse que eu deveria dar. Eu queria dar essa notícia e fazer uma sugestão, que eu acabo de conversar com o Professor Etchevarne, a quem eu saúdo em nome do evento, e ao Fred, e a toda a equipe que organizou, mas a notícia é a seguinte: em quinze de julho passado, nós fizemos alguns vídeos que estão sendo elaborados no IRDEB, sobre sertão, e que ele pediu que eu desse uma olhada, e Paulo Dourado, Roberto Dantas, o próprio Bule-Bule, uma série de pessoas pediram se a gente não podia dar uma força no sentido de fazer alguma coisa no Conselho Nacional de Política Cultural. Então, na reunião do dia quinze de julho, nós encaminhamos uma moção pedindo, não somente o retorno do meteorito Bendengó aos Sertões de Canudos, não necessariamente ao município, mas aos Sertões de Canudos; a escolha, quem define é a comunidade, não somos nós. Não necessariamente a essa região, mas fazendo uma recomendação ao Governo Federal, à Ministra Ana de Hollanda, para que o Governo Federal e o Governo Estadual criassem condições objetivas pra que pudesse haver esse retorno, pra esse meteorito ser resguardado e salvaguardado da forma conveniente e que merece; isso foi feito, foi aprovado por unanimidade nessa plenária do CNPC, no dia quinze de julho passado, e nós recebemos aqui. Após isso, também, aqui, em plenário do Conselho, nós submetemos essa proposta ao Conselho e isso foi encaminhado ao Albino Rubim, que, inclusive, estava presente nessa reunião do dia quinze, que ele é membro do Conselho Nacional; e recebemos aqui uma comunicação que a Ministra já encaminhou para o Presidente do IBRAM. O IBRAM é o novo Instituto Brasileiro de Museus que, aqui na Bahia, a gente está lutando pra criar, ainda este ano, o estadual baiano, o IBAM. Veja bem, o dado interessante é que se a gente conseguir trazer de fato esse meteorito pra Bahia, a gente não só estará trazendo o meteorito, como também, a gente estará dando àquela região um merecido equipamento para salvaguardar, não somente o meteorito, mas todo um acervo patrimonial que tem lá e que precisa disso. Junto com isso, eu queria dar uma segunda notícia que foi fruto dessa conversa que eu tive com o Professor Etchevarne. Perguntei a ele se ele não acharia interessante que nós fizéssemos uma sugestão ao Ministério, à Ministra Ana de Hollanda, através do CNPC, apresentássemos uma proposta para que fosse votada, na próxima plenária, uma moção de apoio e de incentivo às pesquisas arqueológicas não somente na Bahia, mas no Brasil, como uma sugestão de recomendação ao incentivo dessas pesquisas no Brasil inteiro. No texto, Etchevarne, posso colocar em especial a Bahia, porque quem propõe somos nós, temos esse direito; caso vocês tenham interesse, preparem isso, mandem pra mim que aí, no próximo dia vinte, a reunião é no dia 21, eu estarei apresentando isso e, caso a plenária entenda que é uma coisa interessante e bem vinda, vai ser aprovado e eu encaminho isso pra vocês. Muito obrigado.

A GENTE NÃO SÓ
ESTARÁ TRAZENDO O
METEORITO, COMO
TAMBÉM, A GENTE
ESTARÁ DANDO
ÀQUELA REGIÃO
UM MERECIDO
EQUIPAMENTO PARA
SALVAGUARDAR,
NÃO SOMENTE O
METEORITO, MAS
TODO UM ACERVO
PATRIMONIAL QUE
TEM LÁ E QUE
PRECISA DISSO.



Igor Souza: Bem, então, eu vou passar a palavra para Carol, que mediará a mesa, e aguardo as questões.



Carol Passos: Agora nós vamos abrir exatamente para a parte da conversa, onde vocês vão fazer as perguntas.



Frederico Mendonça: Eu vou me inscrever, porque estou observando o seguinte: praticamente, temos aqui o IPAC e a equipe de arqueologia e de alguns municípios; então, acho que temos aqui uma boa oportunidade. Só pra explicar, quando a gente pensou justamente em chamar Borges, foi para tentar aproximar um pouco ou superar o estágio que o Prefeito Marcos acabou de falar; sair das conversas e entrar em alguma coisa prática. A partir desse trabalho, nós abordamos, Carol e Bete estiveram lá com o pessoal do turismo; o pessoal do turismo nos mandou para a Bahiatursa, que é quem opera os circuitos, quem opera os destinos etc. Eles nos disseram o seguinte: "a Bahiatursa não opera, os operadores são privados". Então, Borges é um operador, tornou-se um operador a partir de um patrimônio que ele tem

ESTAMOS
CONVERSANDO
SOBRE PATRIMÔNIO,
MAS PATRIMÔNIO
QUE NÃO TEM USO
NÃO VALE! ENTÃO
NÓS PRECISAMOS
INSERIR ESSES
SÍTIOS DE PINTURAS
RUPESTRES, É ESSE O
ESPÍRITO DA COISA...

na propriedade que ele adquiriu. Coincidentemente, nós verificamos a questão geográfica, as distâncias e as proximidades. Nós temos um município como Wagner, que tem um patrimônio que nos impressionou muito, por isso nós promovemos o tombamento dos três conjuntos arquitetônicos; e Lençóis, que já é um destino turístico consolidado, já tem operadores, já tem infraestrutura, coisa que Wagner não tem. Mas as Paridas estão mais próximas de Wagner do que da sede de Lençóis; então, será que nós não conseguiríamos iniciar, concretizar alguns exercícios de um circuito entre Wagner e Lençóis, com ênfase nas Paridas? Ou seja, criá-lo com o município de Wagner, que pode agregar novos elementos, é um desafio que supera muito o âmbito do órgão de patrimônio estadual. Ele implica essa questão que Borges falou realmente. O Carlos Etchevarne é um grande lutador e tem horas que cansa, cansa muito porque é muita articulação, é muito esforço, e os resultados são muito lentos. Nesse sentido, acho que nós temos aqui, como somos um número menor, talvez tenhamos uma oportunidade de trabalharmos menos discursivamente e mais operacionalmente: como conseguiríamos viabilizar os circuitos?

Claro, também podemos ter uma discussão específica sobre conteúdo de patrimônio etc., porque estamos “conversando sobre patrimônio”, mas patrimônio que não tem uso não vale! Então, nós precisamos inserir esses sítios de pinturas rupestres, é esse o espírito da coisa, do programa de pesquisa e do manejo desses sítios. É preciso gerar uma nova dinâmica econômica e agregar novos agentes então, acho que temos uma oportunidade, estou jogando a bola aí para ver quem a pega.



Lia Robatto: Quanto a essa proposta de criação de novos circuitos e incluir Wagner como um polo importante fora do foco da arqueologia – as pinturas rupestres ou o que existe lá –, há que desenvolver todo um levantamento, mapeamento de todos os elementos culturais da região, que todo mundo conhece lá na região e fala, mas para o turista é importante ter o levantamento de toda e qualquer manifestação, não só arqueológica, como imaterial da cultura viva da cidade. Porque sem isso você não estimula. Não é só tomar banho de cachoeira e ver as pedras, tem que se fazer um levantamento com um folder e com DVD, tudo, sobre culinária, vestimentas, todas essas festas que são do calendário cultural da época, as trilhas possíveis de passeios, as mangabeiras, o período das mangabas, os animais, esses bichinhos, os pássaros, porque tem toda uma sociedade internacional de *Bird watching*, que vem observar. Então, se fizer um levantamento, tem que investir nisso, uma equipe multidisciplinar que levante todos os bens materiais e imateriais da região.



Carlos Etchevarne: Professora Lia, na verdade aqui ficou muito limitado à parte arqueológica, mas nós fizemos um levantamento quando íamos para campo, sobre alguns aspectos que podiam estar envolvidos também na área de visitação. Por isso foi que mencionei, por exemplo, na área de Wagner especificamente, o alambique. Ele tem também um restaurante e ainda há uma casa mais ou menos rústica, com vários quartos, que pode servir de pousada. Não se pode estender o circuito a uma área muito ampla, mas está se pensando, por exemplo, trazer os produtos de agricultura orgânica para a área de visitação.

Sobre o levantamento cultural efetuado em toda a área, incluindo os calendários de festas religiosas ou profanas, construímos um quadro amplo, que está nos relatórios que enviamos para o IPAC. Nesta apresentação, pensei que seria excessivo também trazer essa informação. Mas esse levantamento está feito. Provavelmente não tenha sido totalmente esgotado, mas foi feito de forma a que pudesse ser compreendida a maior variedade de manifestações culturais e naturais para enriquecer os passeios. Poderia resultar cansativo para o visitante fazer um itinerário para ver só pinturas rupestres. Por isso foram preparadas etapas que incluíam diversas manifestações do patrimônio natural, de festividades, gastronômico, entre outros. Mas obrigado pela observação, porque nos ajudou a explicar melhor às outras pessoas presentes.



Willian Barros: Meu nome é Willian Barros, eu sou turismólogo, sou guia da Chapada Diamantina pela Associação de Lençóis, sou brigadista de incêndio também, e trabalho com o foco mais voltado para o desenvolvimento sustentável, trabalho muito com pesquisa e diagnóstico de turismo na região da Chapada, mais no Circulo do Diamante. Primeiro, gostaria de parabenizar essa iniciativa de todos,

principalmente do grande Idenor, por se tratar de uma pessoa que está dentro do âmbito privado da área de turismo, mas está conseguindo mobilizar e atingir os parâmetros da área dos gestores públicos.

Eu queria tocar em alguns aspectos. Primeiro aspecto: existem vários sítios arqueológicos; a cada momento se descobrem vários sítios arqueológicos, como se descobre a existência de animais que, às vezes, por motivo da caça se foram da região, muito pela fase do garimpo, ainda está num processo de renovar essa ideologia, há uma resistência muito grande ainda por parte da população. Essa questão da educação patrimonial é uma coisa que eu tocava muito nesse aspecto, muito importante, não só para o material como para o imaterial, também.

Com relação à questão arqueológica, eu penso da seguinte forma: eu sempre passei por vários corredores, são corredores, de fato, dos roteiros turísticos, onde existem essas pinturas rupestres. Essas pinturas estão lá sujeitas à intempérie, sujeitas a um grande criminoso, vamos dizer assim, ambiental, às vezes natural, mas, na maioria das vezes, por causa, como se pode dizer, por causa criminosa. Os incêndios no Parque Nacional, porque eu acredito que o mais prejudicial para essa pintura rupestre é o fogo. No meu entender, então, existe na região de Palmeira. Agora mesmo, eu estava passando para Idenor... A Chapada Diamantina é tão rica e ainda tão grande, torna-se muito difícil; então, é importante ver, primeiro que lado? Primeiro, teria que se ter um núcleo de pesquisa; eu não estaria fazendo nenhuma gafe em dizer que esse núcleo já existe, que eu sou um incentivador de lá, da Serra das Paridas, no caso, porque a capacidade de Lençóis em equipamentos turísticos, em mobilidade mesmo, aeroporto, BR, o próprio potencial do lugar. Nós descobrimos um sítio no Barro Branco, que eu acho que já tem um projeto do IPAC para essa Vila do Barro Branco, é um lugar que está a seis quilômetros de Lençóis e a gente, sem querer, dentro da área de Parque Nacional, porque esses sítios às vezes se encontram dentro da área do Parque, às vezes dentro da área da APA, e, às vezes, estão em terrenos dentro de propriedades privadas, que nem o próprio proprietário tem conhecimento desse lugar. A população em si, ela tem de perceber que há uma sustentabilidade real nesse aspecto de dar valor ao patrimônio, a esse patrimônio. Às vezes a gente parte do princípio que esse patrimônio tem um aspecto mais cultural e a grande maioria da população não tem nem nível intelectual que possa dar valor a isso – a não ser que venha pelo aspecto, que aí me cabe, eu acho que é uma grande pauta, essa questão do turismo –, ser envolvida, inserida nesse processo, porque, não sei se a gente pode dividir, afirmar mesmo isso, mas sem o turismo é quase impossível – eu gostei muito da colocação de sua pessoa – que sem o envolvimento, sem a visitação, sem essa passagem, que, às vezes, como a gente trata da questão do turismo pedagógico, existe essa sazonalidade do turismo, isso é em qualquer área, não só lá ou na própria Chapada Diamantina, mas que o turismo pedagógico, científico não depende dessas datas de alta estação. Podem vir universitários, arqueólogos, enfim, de várias áreas, fazer desse lugar um campo de estudo, como a gente já conversou, porque existem áreas que ainda não estão apropriadas, áreas que não foram contempladas ainda. A ABETA (Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura), inclusive, já esteve aprovando a acessibilidade por esses lugares e elegendo esses lugares como apropriados à visitação turística; fazer com que essas rotas ou esses corredores tenham mais visibilidade, ou até nem mesmo de sustentabilidade, mas de preservação.

Nós temos Guiné – pena que o Prefeito teve que sair –, mas quando a gente sai de Palmeiras e nos dirigimos ao povoado de Guiné, para ter acesso ao Vale do Pati, que é muito comum essa passagem, existem vários sítios arqueológicos ali; eu acredito que agora deve estar passando por um processo de conhecimento de vocês, mas que há cinco, seis, sete anos atrás, estavam esquecidos, a gente que combate incêndio, voluntariamente, é bom que se diga isso, a gente passa por locais em que existem e a gente não tem como identificar, não tem como depois apontar a algum órgão que está ali, aberto, e ao qual a gente comunicar que a gente esteja identificando esses locais. Então, gostaria de parabenizar a todos, gostaria que tivesse um apoio muito grande do Governador Jaques Wagner a esse caso, a esse cidadão que está lutando incansavelmente com esse objetivo de trazer importância a esta ideia, a este projeto. Gostaria de sugerir que todos olhem no You Tube, quando a gente falou “pirata”, esse vídeo, ele não é disponibilizado de forma original, a gente tira da internet, do You Tube. Está com a National Geographic o nome desse filme, o nome é “O Mistério do Poço Azul”. Lá até foi descoberto tigre de dente de sabre, para vocês terem uma ideia, pra mudar até a história da pré-história dos continentes, enfim. Então, a magnitude do Parque Nacional da Chapada Diamantina, não só como potencial natural do lugar, mas histórico, científico, é muito grande.

Eu trabalho com turismo pedagógico também, e eu acho que os meus pequenos ecoturistas do futuro, agora estudantes que estão indo lá pra Chapada Diamantina, quando eles virem o Poço Azul,

EXISTE ESSA
SAZONALIDADE
DO TURISMO,
ISSO É EM
QUALQUER ÁREA,
NÃO SÓ LÁ OU NA
PRÓPRIA CHAPADA
DIAMANTINA, MAS
QUE O TURISMO
PEDAGÓGICO,
CIENTÍFICO
NÃO DEPENDE
DESSAS DATAS DE
ALTA ESTAÇÃO.
PODEM VIR
UNIVERSITÁRIOS,
ARQUEÓLOGOS,
ENFIM, DE VÁRIAS
ÁREAS, FAZER
DESSE LUGAR
UM CAMPO DE
ESTUDO.

por exemplo – lá só foi permitido fazer uma flutuação e não mergulho –, eles iam para um lugar de recreação, tomar banho, uma água que é muito transparente e que tem uma tonalidade excepcional, mas, hoje, quando eles entram no ônibus, eles assistem a esses mergulhos científicos onde estão sendo feitas descobertas na área de vocês, eles entram naquele lugar com outra visão, quando eles vão ao parque, como o do “Sempre Viva”, em Mucugê, com outra visão. Então, é um conjunto de ações que tem que ser implementado, mas eu acho que todo mundo tá certo, e eu gostaria de pedir o apoio a esse cidadão e a esses pesquisadores. Obrigado.



Maria Lucia: Boa tarde a todos, eu fico muito feliz por essas iniciativas dos órgãos competentes. Eu não sou a pessoa apropriada para discutir o assunto, porque eu sou empresária e de um segmento totalmente diferente, mas tem uma coisa que eu gostaria de colocar aqui, eu gostaria que isso chegasse aos órgãos competentes. Tem algumas colocações sérias que precisam ser feitas como iniciativas de trabalhos como essas, por exemplo, de infraestrutura, segurança, educação; se descobre um sítio em parque dessa natureza e o local... Aí há um show: quero resolver, quero resolver, e empaca. Os prefeitos dessas regiões, muitas vezes, são homens que não são ligados e nem voltados, não têm conhecimento muito dessa situação e ficam ouvindo um, ouvindo outro, e acaba a situação parando em nenhum lugar. Então, eu estou falando por minha cidade, Ituaçu, que, em visita outro dia, tava um movimento de várias pessoas porque se descobriu algo lá valioso e que vinha gente de tudo quanto era lugar pra resolver a situação, pra isso e pra aquilo outro. Eu falei, a primeira, cheguei para o prefeito e falei: Prefeito, se você quer que o seu projeto vá pra frente, a primeira coisa que você tem que fazer é procurar a Universidade Federal da Bahia, que lá tem pessoas capacitadas pra resolver e dar laudos dessa situação aí, mas daí, o prefeito não tem tempo, não coincide, não pode parar e isso, aquilo outro, e não é porque o povo não valoriza não, o povo de toda região, de Palmeiras, de Lençóis, de Contendas do Sincorá, de Sincorá, é um povo pobre, mas povo respeitador, um povo que diz, “isso aqui não pode tocar” e ninguém toca, e é homem matuto, é o Zé lá do povo que é acostumado só lidar com a rocinha primária dele lá, mas se falar assim: “ó, senhor, não pode mexer aqui que isso aqui é uma coisa valiosa”, “vamos cercar”, ele obedece; então, o que é que precisa dos nossos órgãos?

É que, primeiro, não se pode mudar nada sem se respeitar a cultura de cada povo; então, cada povo tem uma cultura, cada cidade tem uma cultura e quando se cria um projeto dessa natureza pra um museu, alguma coisa parecida, temos que respeitar a cultura daquele povo e dizer: “olha, vamos juntar, vai ter uma festa aqui e vai ser apresentado um museu pras crianças, pra todo mundo ter conhecimento, e vamos juntar a cultura daquele povo ali pra ser inserido no movimento, como o Professor disse, pra dar atividade, porque o cara só ir lá, subir serra, descer serra, vê isso, vê aquilo, o cara cansa, não tem hotel pra ele tomar um banho, não tem uma segurança; então, tudo o que eu peço aos órgãos do governo, é que quando acontecer uma situação dessa, vamos dar também segurança, vamos dar infraestrutura, pelo menos, abrir uma estrada, sei lá, uma trilha, e que essa trilha seja acompanhada. Eu acho que falta, desculpe, falta bastante boa vontade, e se alguma coisa nossa tá perdida, não é pelo povo, porque o povo de todas essas regiões daí é um povo simples, bom de lidar e que sabe respeitar, a exemplo dessa situação que aconteceu lá em Ituaçu, que são as pinturas, que nós sabemos que é uma coisa valiosíssima e pra parar, “ah, que eu tenho que ligar pra um órgão da SEDESP, porque foi a SEDESP que deu a permissão pra fazer a quadra, não pode parar a quadra... Gente para essa quadra aí, não tem nada a ver com quadra, isso aqui é mais valioso que essa quadra de futebol aí; tem que ter alguém pra dizer isso: ó, para com essa quadra, não pode fazer essa quadra! Foi o que eu disse para o prefeito, eu fui lá passear, e disse, ó Prefeito, pelo amor de Deus, vamos parar com essa quadra aí, eu vou ligar pro Professor amanhã, quando chegar a Salvador; aí saí pesquisando em site e busquei os professores, cheguei ao pessoal, cheguei ao Professor Carlos.

Então, são iniciativas dessa natureza, de pessoas que não estão envolvidas no assunto, mas que pesam. Eu estou fora, e vejo os problemas de fora. É só o que eu gostaria de deixar claro: é preciso infraestrutura, segurança e educação. Por exemplo, eu mesma vou chegar lá e vou fazer uma organização com o povo e vou dizer: olha, se descobriu um assunto aqui importante, povo, vamos, todo mundo, zelar pra botar essa cidade aí na mídia, com alguma coisa boa; então, eu vou fazer isso por iniciativa, vou parar e vou pra lá pra ver isso, porque eu sou da região, porque eu gosto do povo, porque a gente tem que zelar por alguma coisa. Então, o que eu deixo aqui, só para observação,

é que, por favor, vamos dar uma infraestruturazinha, pelo menos, criar os órgãos de educação; aí, já ser uma matéria básica, importante, assim, do primeiro, do começo lá, pro cabra ficar aí no secundário, então, é preciso ter isso agora e não tem isso, de uma coisa assim sintetizada do que é arqueologia, do que é isso, do que é aquilo, vamos começar do pequenininho, pros cabrinhas já começar a zelar os nossos patrimônios, porque a região de Contendas do Sincorá não foi nem tocada e tem coisa ali, porque eu sou da região e é o mesmo ciclo de Sincorá, de Palmeiras e tudo tem ali. Tem um local lá que tem uma pedra que é o melhor granito do mundo, granito azul, uma das áreas daquela região lá, que quem tirou foi lá os Estados Unidos, foi lá meteu carreta, carregou não sei quantos tipos de pedra de granito azul e o povo fica tudo assim, “ah, não pode, tá vendendo”. Quer dizer, eu acho que a gente tem que começar a cobrar também um pouquinho dos nossos governantes, dos nossos prefeitos, o bem de cada cidade. E era somente isso. Muito obrigada, eu agradeço a todos e muito obrigada.



Sandy Araújo: Boa tarde, eu sou Sandy, atual Coordenadora de Cultura de Wagner. Quero agradecer ao Professor por ter tomado essa iniciativa na Chapada. Quem estudou no Instituto Ponte Nova – hoje ele tem 170 anos, ainda funciona como escola, tem o auditório – sabe, a visualização da cidade aumentou com esse projeto. Quando Dau falava nas palestras que ela dava, na questão da educação patrimonial, que é uma das coisas que mais falta em todos os municípios, a falta de valorização do que a gente tem, e eu me lembro que, principalmente, o jovem não percebe isso, quem percebe é o mais velho. Por esta razão eu acho que falta um pouquinho da questão dessa educação, pra que a gente mostre e valorize, a gente tem que aprender a valorizar principalmente o que é nosso. Quando, ontem, eu estava em um fórum de cultura e uma das dirigentes – era até Secretária de Cultura de um município – comentou que falta muito para o nosso município, e eu não lembro o nome de quem falou que, assim, as responsabilidades vão diminuindo, a União joga para o Estado, o Estado joga para o Município, e o Município é quem recebe menos; o meu percentual é zero ponto seis, pequenininho demais, não recebe nada. Para gente conseguir, o que acho que é interessante, a visualização da gente quando conversou com o pessoal do IPAC, junto com os agentes patrimoniais que, graças a vocês, fizeram esse trabalho, e, hoje, eles identificaram que há um grupo que quer melhorar o turismo, não só o turismo das Paridas, que é o nosso maior interesse, que é mais próximo de Wagner do que de Lençóis, e a gente desenvolver o turismo de sustentabilidade com o município. Por quê?

Na nossa cidade, só 30% da população tem renda; então, é muito pobre, a gente tem que visualizar uma coisa maior pra que a gente consiga ganhar alguma questão na valorização disso. As pessoas vão lá visitar o Instituto Ponte Nova, quando chegam lá, de tanto ouvir outra pessoa falar – o Hospital, ah porque eu nasci aqui; não sei quem tem o nome disso porque o médico tal... – quer dizer, não tem ninguém pra contar a história; e esse trabalho do pessoal, fez com que a gente parasse e descobrisse; quer dizer, precisou aparecer em Wagner, para que as pessoas descobrissem o valor que tem esse potencial em Wagner. É como ele disse, que era forasteiro; mas é normal, interior tem disso, quando você chega, “vamos ver, quem é?; De onde é?; Será que vai fazer alguma coisa de ruim pra aqui?”. Isso é de quem mora no interior, é normal, até que se descubra quem ele é realmente, para aceitá-lo.

Então, essa questão maior, como ele falou aqui, a questão da valorização, a Chapada é grande demais, tem muita coisa bonita, mas para o trabalho, a gente vai precisar do apoio do Estado, muito grande, porque o município é pequeno, todos esses municípios não têm renda para melhorar isso e incentivar isso; a disponibilidade do gestor com certeza tem, porque quer que seu município cresça, a população também, quem é que não gosta de receber visita?

Nós temos festas populares lá, a gente só tem uma, quando qualquer pessoa de Wagner, que mora em qualquer lugar do país, resolve tirar férias nesse período pra visitar Wagner e consegue, além de tudo, encontrar todo mundo que não via há muito tempo, porque todos vão nessa época, então, a gente começar a divulgar um pouquinho. Mas tem, como ele falou também, a questão da sustentabilidade da zona rural; nós temos muita coisa que a gente não valoriza: a questão orgânica, que é muito boa, só tem o tomate que o pessoal continua usando o produto, mas o restante procura dar, quer dizer, uma vida mais saudável, quando você sai daqui, então, nada melhor do que tomar um banho de cachoeira pra relaxar, esquecer, como ele fala da Cachoeira do Mosquito – é linda! Eu tenho certeza que se vocês resolverem visitá-la, vocês chegam lá e se esquecem do mundo, parece que dá assim, não sei, você só presta atenção

QUANDO DAL FALAVA
NAS PALESTRAS
QUE ELA DAVA,
NA QUESTÃO
DA EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL, QUE
É UMA DAS COISAS
QUE MAIS FALTA
EM TODOS OS
MUNICÍPIOS, A FALTA
DE VALORIZAÇÃO DO
QUE A GENTE TEM, E
EU ME LEMBRO QUE,
PRINCIPALMENTE, O
JOVEM NÃO PERCEBE
ISSO, QUEM PERCEBE
É O MAIS VELHO.[...] E O TURISTA, VOCÊ
TEM QUE INFORMAR
A ELE O VALOR QUE
AQUILO TEM, NÃO
SÓ PRA ELE, MAS
PRA COMUNIDADE, É
UMA DAS QUESTÕES
QUE EU ACHO QUE
A GENTE TEM QUE
TRABALHAR DIREITO.

naquilo ali. É uma coisa muito bonita, e a intenção real do município e eu acho que a maioria do pessoal daqui tomou aula com vocês, Dau dava aula pra todo mundo, é fazer marchar muito. Uma vez ela me falou, eu a levei aos distritos, quase todos, e em todos os outros lugares, para que principalmente o jovem valorizasse isso. Então para essa questão da sustentabilidade, a gente precisa do apoio do Estado. Uma das questões maiores, a razão por que eu vim para aqui hoje, foi pra que a gente tivesse essa ponte, para conseguir fazer com que Wagner entre no circuito turístico, para que não saia só de Lençóis, — eu sei que é um sonho meu —, agora estamos mais abertos a isso, visualizamos maior, o pessoal já tem mais educação nessa questão. Então, esta é uma das formas. Eu pedi ao Prefeito, mas ele tinha outro encontro, não deu pra vir, mas uma das questões que a gente tá mais preocupada agora, o grupo está se reunindo todo dia, já entrou em contato com o IPAC, para levar às Secretarias envolvidas, essa questão turística pra Wagner. Mas a gente precisa do apoio, do seu apoio, pra que o roteiro não seja só por Lençóis, mas seja por Wagner. Na minha época, minha mãe já contava, mas ainda outro conta pra você, e aí você visualiza, o que lá o pessoal chama de o paraíso das mangabas — na época da mangaba, vira lama, e pra atravessar é uma aventura, para quem gosta de aventura — de moto mesmo, é uma maravilha; então, pra se chegar a esse local... eu nunca fui, eu moro lá e nunca fui a esse local, porque eu só imagino se eu chegar lá e deixar de ser aquilo tudo que minha mãe contava... Então, eu acho que é um pouquinho da gente também preservar isso; tem que conscientizar o turista da preservação daquele local, porque muita gente que vai fazer turismo, que não é o turismo ecológico, não tem preocupação com esta questão. Eu acho que, antes de sair o turista para os locais, você tem que informar a ele o valor que aquilo tem, não só para ele, mas para comunidade. É uma das questões que a gente tem que trabalhar direito.



Idenor Borges: Um minutinho, com relação à questão do roteiro, que Frederico também está preocupado, o Professor também, na realidade já existe um roteiro, o que falta é justamente a divulgação e as agências de Lençóis.



Carlos Etchevarne: Falta mais um pouquinho, falta terminar uma coisa aí que eu gostaria de colocar. Não é apenas o roteiro que já está definido e que nós apresentamos aqui. Mas há algumas necessidades que precisam ser solucionadas. Eu não tenho dúvida quanto ao potencial arqueológico da Chapada Diamantina. Ele é extraordinário. Não somente em termos de arte rupestre, tem também outros tipos de vestígios, como aqueles relativos à mineração — cidades abandonadas, por exemplo —, seria interessantíssimo que eles fossem incorporados em um roteiro de visitação. Há ainda vestígios de antigas aldeias de grupos indígenas ceramistas, entre outros. Começamos apenas por uma manifestação cultural que é de grande visibilidade, de grande impacto visual incorporá-las nos circuitos de visitação: as pinturas rupestres.

Outra coisa que eu queria colocar e que concordo com Maria Lucia. A população rural, a população matuta como ela chamou, não destrói os sítios de pinturas, não são eles que destroem os sítios, mas a visitação descontrolada, a visitação de pessoas indesejáveis, essas, sim, destroem os sítios e ainda deixam as marcas registradas da sua passagem. Os grupos que viveram em torno dos sítios, anos e anos, gerações trás gerações, não destruíram os sítios. Chegaram antes de nós e na verdade nem precisam muito de educação no sentido de preservação. Eles sabem respeitar esses lugares. O que nós temos que trabalhar, talvez, é que eles saibam se aproveitar do que têm, no bom sentido, de torná-los rentáveis, incorporando-os a um circuito econômico baseado na visitação.

Voltando ao que Sandy disse, os roteiros já estão estabelecidos. Inclusive o de Wagner. Esse, especificamente, me parece interessantíssimo, porque passa por lugares muito variados, mas para que seja de fato acessível, tem que ter equipamentos básicos, por exemplo, o mínimo de indicações, cartazes indicadores, tem que ter sinalização, informações de todo tipo, porque, quando você chega a um local, tem que ser informado corretamente, se possível em duas línguas, português e inglês; precisa ter segurança nos locais de visitação; tem que saber que terá alguém recebendo na cidade, em um centro de recepção ao visitante, que saiba encaminhar para os lugares de visitação. Isso Wagner ainda não tem. Onde iriam procurar alguém que os acompanhasse para os circuitos? Ou seja, há uma quantidade muito grande de coisas que devem ser definidas e implementadas, antes de começar a fazer funcio-

nar os circuitos; por isso é que nós convocamos as outras Secretarias do Estado da Bahia, porque há necessidade delas.

Então, veja só, eu acho que existem, como o de vocês, nesses três municípios, quantidades enormes de situações parecidas, mas o que eu preciso, absolutamente, é que uma delas, pelo menos, se concretize, pelo amor de Deus, porque senão estamos falando, falando, falando sem parar e não se define nunca; eu tenho certeza de que o que falamos aqui não é apenas fantasia ou apenas um pensamento ou uma hipótese, não! Existem inúmeras partes do mundo que se aproveitam muito bem dos sítios arqueológicos; não estou inventando nada, já existe isso, já existe e com grande eficácia. Então, acho que é a hora de nos colocarmos de que maneira nós saímos para concretizar, pelo menos, um! Antes de eu morrer (risos).



Idenor Borges: Eu conheço muito a região de Wagner, coisa da infância até hoje; tenho uma agência e tenho andado muito por lá. Na semana passada passei por lá. De Wagner, veja como é fantástico, o roteiro de um dia já existe e pode começar até amanhã, se quiser executar: Lençóis, Wagner, pelo asfalto como é que está o tombamento das estruturas lá em Wagner?



Frederico Mendonça: Já foi feito, provisório, mas está tombado.



Idenor Borges: Ótimo, ótimo! De Wagner, veja que coisa, estou falando de roteiro de um dia, excelente, pode começar amanhã; lógico que tem que ter a sinalização, que são coisas pequenas que se resolvem em uma semana, independe inclusive de governo. Bom, Serra das Paridas, uma seta, isso é bom; veja bem, Lençóis, Wagner, asfalto, em torno de 60 a 70 quilômetros, certo? De Wagner para o Engenho, onde tem a fabricação de rapadura, de cachaça etc., uma estrutura razoável, até de acomodação, a estrada está fantástica; de lá para o complexo arqueológico — eu estou fazendo o círculo, que é bom, por Cachoeirinha, lá pra Silvio Belas, que é exatamente onde tem o Engenho, ou por Wagner mesmo, por dentro, pois de Silvio Belas pras Paridas não dá. Pra vocês terem uma ideia, são 19 quilômetros, mas a estrada é ruim, é a do Café, que é do Estado, porque a estrada municipal que liga essa linha de Wagner pra Silvio Belas, onde tem o Engenho, pra Estrada do Café, pode puxar 120 quilômetros; é algo extraordinário. Agora, entrou na estrada do Café, não está ruim; da estrada do Café tem um sítio arqueológico, tem o pôr do sol, você entra no “sanitário” — é aquela história que contei — e vai para Lençóis; quer dizer, é um círculo. Pode começar amanhã! Tem de começar, gente! Se for esperar estrutura fundamental, nunca vai sair da realidade, já pode começar amanhã, agora, é uma combinação com os agentes, pra divulgar e coisa e tal, um dia só já resolve; depois, vem dois dias, três dias, depois a estrutura tá montada, sem grande expectativa, rigor, entendeu?



Carol Passos: Gente, eu vou abrir mais pras perguntas, agora, tentem ser mais objetivos porque a gente tem que devolver o auditório às dezoito horas em ponto.



Luciana Marques: Olá, eu sou Luciana Marques, sou arquiteta, trabalho na CONDER. Eu achei louvável essa reunião e achei legal também que fossem convidadas as outras Secretarias, porque, todas estas questões, a gente só vai conseguir resolver com a união desses órgãos, tanto dos órgãos do Governo, como dos empresários; bom, a gente já sabe. O que eu achei interessante, o que a nossa empresária Maria Lucia colocou e que vai um pouco ao encontro do que você está dizendo, tem que ter uma estrutura, porque isso acaba trazendo muitas pessoas para o lugar e acaba que se a gente não estiver unidos e assim afinados pra resolver as questões, vai acabar não resultando de forma benéfica, não vai ser interes-

EXISTEM INÚMERAS
PARTES DO
MUNDO QUE SE
APROVEITAM MUITO
BEM DOS SÍTIOS
ARQUEOLÓGICOS; NÃO
ESTOU INVENTANDO
NADA, JÁ EXISTE ISSO,
JÁ EXISTE E COM
GRANDE EFICÁCIA.
ENTÃO, ACHO QUE
É A HORA DE NOS
COLOCARMOS DE QUE
MANEIRA NÓS SAÍMOS
PARA CONCRETIZAR,
PELO MENOS,
UM! ANTES DE EU
MORRER.

ENTÃO, EU PENSO
QUE A GENTE PODE
TENTAR ARTICULAR
UMA FORMA DE
REUNIR OS ESFORÇOS
PARA TRANSMITIR
UMA MENSAGEM
QUE ENVOLVE A
PRESERVAÇÃO DE UM
MODO GERAL, NÃO É
SÓ A PRESERVAÇÃO
DO SÍTIO, MAS A
PRESERVAÇÃO
AMBIENTAL.

sante. No caso da CONDER, a gente resolveu participar porque a gente tem algumas ações no Circuito do Diamante, que são nove municípios, que inclui Mucugê, Andaraí, Lençóis, Seabra, Palmeiras também. Então, é uma ação mais ligada aos resíduos sólidos e esse último trabalho que foi feito, foi contratado, foi justamente uma avaliação de como está o manejo dos resíduos pra que fossem tomadas soluções mais adequadas sobre a questão. Esse produto, a gente vai receber agora, no próximo mês, está marcado para o próximo mês de outubro; então, eu acho que esse pensamento conjunto, isso é uma coisa importante. Nós temos agora, a CONDER, não é só a parte de resíduos, há outras coordenações que estão aqui representadas, tem uma que trata da questão da bicicleta, o circuito da bicicleta que é ligado ao turismo, então, o que eu queria colocar era assim, a gente pensar numa forma de atingir mais as populações que estão envolvidas com isso, nesse sentido que Dau colocou, como ela está fazendo, essa mobilização para demonstrar como é importante esse sítio arqueológico, a importância que tem. Talvez a maioria das pessoas não tenha esse conhecimento, assim, como é uma coisa parecida com a questão da coleta seletiva e dos resíduos. Então, eu penso que a gente pode tentar articular uma forma de reunir os esforços para transmitir uma mensagem que envolve a preservação de um modo geral, não é só a preservação do sítio, mas a preservação ambiental, envolvendo o sítio arqueológico e, claro, a questão do lixo. Então, basicamente, seria a transformação que a gente tá querendo de todos nós no fundo, porque nós também precisamos nos transformar à medida que a gente está cheia de vícios. Eu queria só colocar isso, que a gente tá num momento, que tem de reunir mais os esforços e frisar, também, o que Fred colocou, que não adianta a gente ficar falando tanto, a gente tem que ser mais operativos, assim, como é que a gente pode colaborar? Então, da minha parte, acho que pretendo procurar Dau e ver de que forma a gente pode unir os esforços da coordenação de resíduos, no sentido da gente transmitir o que a gente precisa transmitir para que essas coisas aconteçam de uma forma mais favorável.



Idenor Borges: Veja bem, voltando à questão do roteiro de Wagner, a senhora – como é seu nome? – Olha Luciana, a senhora colocou um detalhe aí que quem está de fora vê isso, o turismo em Lençóis está em crise profunda, não existe, a visitação caiu stupidamente; por que é que eu estou tomando essas ações todas? Para melhorar a minha empresa que eu estou vendo a hora de falir! Como muitas já estão falidas! Essa é a realidade, mas isto é uma consequência da cumplicidade com o turismo de muito tempo; tem aeroporto internacional, têm tudo lá e a coisa não chega, o turista não chega; não há divulgação, não há melhoria, não há novidade de roteiros. O roteiro de um dia, com Wagner, está tranquilo, hoje é um dia só, gente, sai de Lençóis, que a maioria dos roteiros é de um dia mesmo, todo mundo volta pra dormir ali.

A questão de Wagner, que é uma preocupação do Professor e eu já senti isso, pode começar amanhã e esse mundo de gente, esqueça que só daqui a uns... tá na crise, não dá. Dez, vinte e cinco, trinta pessoas, olha, não vai acontecer esse fluxo pra Wagner, por enquanto, isto não vai depreciar em nada e, outra coisa, o roteiro, ele vai diminuir esse círculo aí vai diminuir. Pra você ter uma ideia, não é pra voltar pelo mesmo asfalto não, é tudo pela estrada de barro, vai diminuir uns trinta a quarenta quilômetros, é pertíssimo, como ela disse, Wagner para o complexo é pertíssimo; aí vai ter o pôr do sol, ver a parte histórica, tombamento, alambique, tomar uma cachacinha feita na hora, se quiser, ver moer a cana, a garapa, é uma coisa de doido. Agora é preciso que se mobilizem os empresários, isso aí tem de haver, como é que vão mobilizar pra divulgar, pra oferecer, isso aí é a alma do negócio. Porque já está pronto, prá dia tá pronto, na minha visão.



Maria Lucia: No caso dos resíduos que a doutora Luciana falou, é uma coisa que preocupa bastante, porque chegam especuladores de fora querendo comprar uma mina em tal lugar, descobre as jazidas e vai lá e rebenta tudo e deixa os buracos lá e não respeita nenhum sítio arqueológico, não respeita nada, deixa lá o problema enorme para a população – “ah, porque aqui tem um teor, é muito bom”, e já vai mettendo a cara. Então, aí é preciso que haja uma reunião como essa, tenha o Departamento, o DNPM, que é obrigado a estar numa reunião como essa pra evitar destruição nos sítios, porque eles não respeitam, principalmente estrangeiros, porque não é deles. Então, abrem o buraco e deixam lá, como é o caso lá de Remanso, que todo mundo aí que trabalha sabe os resíduos e que são sérios, vai prejudicar nascente de

rio, prejudicar tudo, e o pessoal fala, fala, mas na hora que colocar é preciso a gente não ter envolvimento nenhum, nem político, nem com a situação pra poder falar claro e tenho certeza absoluta que, na minha cidade, eu vou exigir do Governo, vou exigir do Prefeito que se faça uma infraestrutura pra zelar, porque lá não tem, descobrindo isso agora tem Ituaçu, a região de Ituaçu, que todo mundo sabe da Gruta do Mangabeira, não faz nada, acaba tudo lá, não há uma iluminação, não tem nada, vindo só de sujeira; a Professora conhece a região do Mangabeira, não fazem nada por aquilo ali. Então, eu acho que agora eu estou vendo isso, parei um pouquinho, me aposentei, o que tiver por lá eu vou zelar e vou mobilizar a cidade pra fazer, e tenha certeza que eu vou dar um apoio no que eu puder, financeiro, eu vou ver se eu já levo meu professor para lá, se a Prefeitura não puder vamos pra casa, vamos pra nossa casa. Olha, Professor, não tem um hotel bom, mas tem a nossa casa, que casa direitinha todo mundo tem. Então, para poder as pessoas começarem a ensinar aos nossos filhos, que o que a gente tem, Professor, é muita riqueza nessa região, é muita, muita mesmo, Professor. Desculpe gente, mas eu me empolgo.



Igor Souza: Vou pedir que os nossos convidados façam as suas despedidas, para que nós possamos tomar outros caminhos. Ok?



Carlos Etchevarne: Começamos pela questão da visitação local, mas surgem inúmeras outras coisas paralelamente que, evidente, não podem ser todas atendidas. Nós nem conseguimos fechar a questão dos roteiros de visitação. Porém tem um aspecto que eu quero ressaltar. De fato, os sítios arqueológicos de qualquer tipo que sejam, desde os mais antigos aos mais recentes, podem, sim, servir de dinamismo a uma economia local regional, isso eu tenho muito claro e por isto que estou lutando. Mas, além disso, eu percebo uma coisa mais fundamental: os sítios arqueológicos ou os materiais arqueológicos podem ajudar muito a autoestima da população. Ajudam porque as pessoas sentem que têm um bem valorizado. Eu estou dizendo isto porque conheço casos concretos, eu posso lhe dizer aqui o nome dos municípios, pessoas que pensavam que aquele município não tinha nada, de repente, eles começam a perceber que eles têm coisas valiosas, historicamente importantes, que podem ficar no município, podem visitar, podendo ressignificá-las para seus filhos, seus netos. De repente, há um processo de transformação frente à própria história da localidade em função dos sítios arqueológicos.

“DE REPENTE, HÁ
UM PROCESSO DE
TRANSFORMAÇÃO
FRENTE À PRÓPRIA
HISTÓRIA DA
LOCALIDADE EM
FUNÇÃO DOS SÍTIOS
ARQUEOLÓGICOS.”



Ednalva Queiroz: Eu agradeço a atenção de vocês e eu me coloco à disposição pra discutir questões de educação, de mobilização e sensibilização pra quem quiser.



Idenor Borges: Ô gente, me desculpe, eu conversei demais, mas estou disposto a qualquer desafio pela Chapada; conte comigo porque eu sou homem que passa três dias sem comer, sem brincadeira, três dias, então, pra me acompanhar tem que ter pique, eu tenho condições de entrar num projeto. Conte comigo, eu tenho vários, seis projetos, que eu não quero falar, em andamento; meu esforço sozinho e o governo tá encostando devagarzinho, o que é importante e aí está o exemplo, e outros exemplos, então, conte com um batalhador pra melhorar a qualidade do turismo na Chapada. Modéstia a parte, pode contar a qualquer hora. Um abraço.



Carol Passos: Boa noite a todos e encerramos mais essa “Conversa sobre Patrimônio”. Realmente a discussão se acalorou no final, mas é isto que vale a pena; cada um recebeu uma sementinha e o IPAC está aqui; a UFBA, na pessoa do Professor Etchevarne e Idenor, todos dispostos a manter essa conversa em aberto. Boa noite.

